EDIÇÕES
GLOBO

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Os

Condenados

22 c
Cpo. 10 fino
1.ª
22166

Os
CONDENADOS

DO MESMO AUTOR

A sahir:

A Estrella de Absyntho, romance.

A Escada de Jacob, romance.

II e III volumes d'A Trilogia do Exilio.

Off. Graphicas Monteiro Lobato & C. - Rua Guzmões, 70 — São Paulo

3-4

OSWALD DE ANDRADE 2

OS CONDENADOS

~~A TRILOGIA~~
~~DO EXILIO~~

Homenagem à arte
extasiante de
Anita Malfatti

G

Oswald

Agosto - 1922

Edição da Livraria do Globo
Porto Alegre

Edição Nº 430

1941

Of. Graf. da — etc

A' MEMÓRIA DE MEUS PAES

CONSAGRO.

~~A TRILOGIA DO EXILIO~~

I

ALMA

~~I.~~

~~OS CONDEMNADOS~~

DES hommes, c'est á dire des êtres raisonnables, faisant partie de la cité des esprits, disions-nous tout-à-l'heure, et réduits presque à l'état de la bête: ne se doutant pour ainsi dire pas de ce monde supérieur pour lequel pourtant ils sont faits; si profondément enfoncés dans la matière que le reste, pour eux est comme non avenu; si totalement ignorants que la vérité, pour eux, est comme si elle n'était pas.

Ollé-Laprune - Le prix de la vie. - Cap. 14, pg. 175.

Aos olhos que choram, às esperanças castigadas, aos lutos obscuros.

Oswald de Andrade

Os Condenados

I

Ouvrage de Prudence de

la Bonde-Maudon

I

24. *Eiecitque Adam: et collocavit ante paradisum voluptatis Cherubim, et flammeum gladium atque versatilem, ad custodiendam viam ligni vitæ.*

Genesis, C. 3.

Expulsou Adão. E colocou, ante o paraíso das delícias, um Anjo com uma espada de fogo para que guardasse o caminho da árvore da vida.

Gênese. C. 3

O VELHO e o cãozinho foram andando na sombra enjoada da tarde. Tinham passeado muito. Dobraram a esquina da Rua dos Clérigos. Os vizinhos saudavam-nos. Eram ambos antigos no bairro e na cidade. ~~Nestas historias ha sempre um velho e um cão... que o diga amigo Dostoiewsky.~~

deixar em todos os claros somente 2 linhas de branco

Alma havia regressado naquelle instante. Retirou a blusa, mostrando ao espêlho do seu quarto guindado os alvos seios manchados de apertos.

Pensava: porque será que quando uma porta me machuca, me faz soffrer; quando bato a cabeça numa janella, choro de dôr; e elle póde me cortar a navalha, não dóe: é delicioso!

Mas lembrou-se da Odette, que estivera com Mauro no theatro, elle contara. E ficou dizendo suffocadamente no quarto:

— Canalha! Bandido! Miserável! Miserável!

Transformava-se numa desencantada revelação. Ella que fôra apenas, até alhi, a criança fulva de olhos glaucos, pondo a silhueta destacada e a longa sombra nas corcovas áridas de Oblivion, ao sol, com Jorge, o primo de sorrisos sisudos; e depois da casa de louças fechada, a adolescente imprecisa, a netinha que preparava o banho morno do velho e fazia comer no melhor prato, na cozinha de terra, o cachorro peludo e antigo — era agora, nos músculos de Mauro, a extravasante mulher, deflagrada num embate de complicações e de rodeios.

Chegou-se á janella. Seriam cinco horas da tarde; o velho e o cão passeavam ainda. Olhou a rua e descobriu, parado á esquina, contrito sob o chapéu de palha, o telegraphista pállido que a amava. Não a vira de certo entrar. Se soubesse onde ella andara, o que fizera... Alma teve um arrepio incon-

tido. Se contasse ao avô... Mas não: João do Carmo era um rapaz direito, incapaz dessas torpezas.

Elle já a percebera, de certo, no balcão. Puzera-se a caminhar, num passo medido. Cumprimentou-a. Foi-se. Queria casar-se com ella, mas nunca ousara falar-lhe.

Pela rua, ia longe uma mulher de branco. Uma carroça passou, tilintando. A tarde descorava.

E lá vinha elle de novo! Um súbito nojo invencível tomou conta de Alma. Teve o ímpeto de gritar-lhe do balcão que passasse uma vez só, que lhe deixasse ao menos a vontade de vêl-o.

Fechou num repelão a janella tôda. E, no escuro, uma pancada fulminou-a: Mauro!

Caiu no leito.

Numa mobilidade de puzzle, a máscara alva cascateou um chôro desigual, com altos e baixos de animalidade lasciva.

O seu leito pequenino, o confessionário entontecedor dos seus sonhos... Alli, no roçar dos travesseiros alvos, ella aprendera a embellezar a vida... Desmanchava as tranças vermelhas pelas fronhas, alimentando a voragem íntima. Xingava-o, rolando. Era uma tristeza, no emtanto, que pedia mais, êsse soluço de ternura divina que a inundava num fluído

cálido. Chamava-o com as pernas. Era uma gata ruiva... E esticava-se retesada de sensações para adorá-lo. Vinha-lhe à cabeça uma tonteira gostosa e sentia as pancadas sublimes do seu amor... sim... não... sim... não...

Chegara a visionar tanto, nessa louca ilusão do ser centuplicado, nas sombras benéficas do quarto, que o tinha perto afinal, victoriosa escrava... sim... não...

Lá fóra, na tarde despejada, João do Carmo, com um nó na alma, passava sempre encurtando as contramarchas.

E, no desencontrado idyllio, como um commentário da vida, ergueu-se, alongou-se pela rua e pelo céu, um pregão triste da cidade:

— Pi...nhão quente!

Na sala espaçosa, com mesas cheias e bolotas multicores de papel nos lustres anachrônicos, a desgraçada festa dos sem amor estrugia desde meia-noite.

Os enfeites ingênuos do tecto eram um sarcasmo para a rapariga canalha, vestida em vivo de gigolette, que dansava grudada ao seu par.

A orchestra, feita de um careca, de um mulato e de um artista, chorava no fundo de fumaça.

Um bêbedo maxixou num bôlo, com duas mulheres semi-nuas.

Uma canção canalha levantou gritos. A um canto, trepando uns sôbre os outros, para ver o papel pautado, fêmeas e meninos esguelaram.

O dansarino, enroscado à mulher que espedaçava, provocou hurras hystéricos.

Chamava-se Mauro Glade, e era filho confuso de confusos dramas da América.

Crescera à sombra espevitada de uma creada de servir, que dava o dinheiro do ordenado a um homem da vizinhança.

Tinha o pae, só o pae, de nome differente, mercieiro do Braz, grosso e insensível como um cepo de açougue. E a vida por herança.

Investindo com unhas de atavismos piratas para os mundos coloridos dos dancings, fizera-se macho na meia-tinta embriagada dos prostíbulos. Nunca trabalhara mezes a fio. E vestia-se bem.

Adunco, metállico, dansava nas ceias nocturnas como um deus decahido. E bebia... accentuando o rictus heróico que o marcava, e reforçando a épica suggestão canalha dos olhos pestanudos, que punham desfallecimentos no coração das asyladas dos bordéis.

João do Carmo approximou-se, no sereno da noite, para receber a resposta de sua ousada carta. Continha a felicidade dentro do peito musculoso de nadador; segurava-a como um pássaro vivo. Ella estava alli, pállida silhueta, esperando-o. Immobilisava pupillas verdes de velludo e crystal na moldura das grandes alvas súpplices.

Elle continha a felicidade dentro do peito musculoso de nadador, segurava-a como um pássaro vivo.

Interpellou-a, entregando-se todo, passando-lhe pelas grades, numa offerenda physica, os olhos e o peito que badalava.

Mas uma punhalada certa alcançou-lhe o coração confiante. O moleque Bastião entrou da rua. Ella dissera-lhe que tinha outro amor. Ficara conversando.

Pareceu-lhe ver o cão achegar-se latindo. Pareceu-lhe vê-la ir para dentro.

Caminhou na direcção do seu quarto. Recordava o diálogo. Ella dissera que preferia o outro porque êlle a amava por vício. Êlle gritara estranguladamente que não. Era do fundo do coração que a queria.

Accendeu a lâmpada eléctrica. Sentia-se só no seu naufrágio. Sentara-se. Depois, ergueu-se com um grito apenas suffocado. Andou. Repetiu com os punhos amarrados versos de Baudelaire.

Sentiu que qualquer coisa ria horrivelmente de si, da sua situação de telegraphista, do seu crédulo romance, dos seus grossos músculos inúteis.

Chegou-se à janella num confuso palavrório mental, onde havia muito destino, muita pesquiza do eterno coração das mulheres.

Encostou a cabeça à vidraça fria. E, da rua, subiu-lhe às têmporas, pelos ouvidos, uma vaia infinita de grilos.

Sahiu. Pela avenida, sob os bicos de gáz e as as árvores espaçadas, ia declamando todos os versos altivos que sabia. Recitava Bouilhet:

Tu n'as jamais eté, dans tes jours les plus rares
Qu'un banal instrument sous mon archet vainqueur,
Et, comme un air qui sonne au bois creux des guitares,
J'ai fait chanter mon rêve au vide de ton cœur.

Descia desencontradamente para a Ponte-Grande. Largá-la-ia. Revelara-se de uma perversão inacreditável.

Terrível, lancinante, gritava pela Avenida Tiradentes.

Chegou à ponte. Havia gente parada. O rio, grosso e nocturno, rodava. E êlle ficou chorando baixo, ao grande ar do parapeito, entre lampeões.

O velho Lucas, recolhido ante o oratório pequenino e sem vidro dos filhos fallecidos, com santos nas paredes internas e uma côrte de figuras celestes de diversos tamanhos, trazidos ainda do Amazonas, rezava por tôdas as madrugadas pállidas ou azues. Nada queria da vida que lhe dera alguma coisa e lhe tirara mais do que lhe dera. Tinha o cão pequenino, a neta ruiva, o moleque. E sabia que Deus o esperava no fim da tarde vacillante dos seus dias.

Oh! Mas aquelles bigodes estragavam-lhe o rosto. E a vergonha d'aquillo tudo, sem lágrimas, sem palavras... A Odette!

Alma caminhava como uma pessoa ferida. Não via ninguém nas ruas populosas. Carregava um amargor de predestinada dentro do pequeno coração. O gosto suffocante da vida invadira-lhe a bocca, a garganta, as narinas. Entregara-se já a três homens differentes. E agora Mauro exigia que ella sahisse de casa. Era de certo mesmo a tôla, a estúpida, que êlle dizia, aos berros e aos soccos. Não podia deixar o velho avô assim. Depois que êlle morresse, sim. Iria ao fim da terra, aos trambolhões cheios de lágrimas e com beijos às vezes. Uma deslumbrada loucura parava-lhe os olhos verdes no fundo das olheiras.

Passou por ella alguém. Era sublime a vida assim nos pulsos implacáveis de Mauro. Mais... mais... Como êlle não sabia ter piedade... como era forte... como era único...

Alguém passou por ella. Tinha que sahir, deixar tudo, a casa, o velho, o cãosinho com que brincava.

Desceu longamente a Rua Florêncio de Abreu. Chegou à Luz. Tomou a direcção do sobrado, no becco terroso.

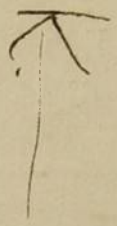
João do Carmo cumprimentara-a duas vezes sem ser visto. Seguia-a de longe.

Uma surpreendente confiança voltara-lhe naquella caminhada, com o seu amor na frente.

O moleque contara-lhe que o outro tinha deixado de passar por lá.

Devia procurá-la, affrontar uma situação definitiva. Alma era o apôio poético da sua desgarrada existência. Escrever-lhe-ia outra carta. Era verdade que o avô atrapalhava-lhes os planos. Não consentiria talvez no casamento. De certo era o único estôrvo da sua felicidade.

Na calma fosca da tarde, João do Carmo dirigiu-se para o club alacre nas margens do Tieté. Ia nadar na glória dos seus músculos tesos. Havia de vencer a resistência do trêmulo velho, amigo do cão.



12

No emtanto, ás vezes, um enegrecimento baixava sôbre aquella tonteira.

Se, ao menos, Mauro a amasse. Se encontrasse nelle a correspondencia dos exaltados sentidos. Sabia que o adunco caften a trahia. Ao atravessarem agora o largo claro do Paysandú, no demorado occaso azul, vira-o sorrir para uma sacada. Tivera impetos de gritar alli mesmo. Mas uma vergonha absurda, cheia da sua virgindade invencida, contivera-a, dissuadira-a. Seria possivel então! Tudo no mundo era trahição premeditada, engano maldoso!

Mesmo os santos, de pé, no esburacado oratório, não a defendiam. Ella queria só uma coisa, só um milagre — o amor de Mauro, a fidelidade de Mauro. Ou então, pelo menos, que elle não lhe jogasse ao rosto a sua facilidade de conquistas, o seu deboche insolente.

Sonhava de novo no leito, depois do jantar rápido, enfastiado, rolando a vermelha cabeça nos travesseiros molles. Qual... se elle lhe quizesse bem seria por um instante, emquanto durasse a sua mocidade rendosa. Depois, ella ficaria como essas outras, que aprendera a conhecer na casa de D. Rosaura. Não havia mesmo nada de bom na vida.

O remédio estava no champagne loiro, fervendo às palitadas nas taças crystalinas e largas do rendez-vous.

A existência era isso: uma torturada kermesse... Barracas ao vento, bandeiras, muitas bandeiras e a charanga do phonographo de guela monstruosa na sala escura, encerada e vasta, ou o som do piano... Dansar... como elle a enlaçava, o seu querido, o seu macho recurvo de olhos de platina! Queria um beijo, um beijo só e elle lhe negava... Do fundo do seu ser maravilhado, bemdizia-o pela recusa. Era preciso subir, galgar, vencer obstáculos intransponiveis para que elle lhe concedesse o beijo supplicado.

Decidiram nervosamente. Sahiram, num taxi.

Na Luz, ella teve um fatalizado receio. O avô talvez já estivesse em casa. Que importava? Reagia um pouco na suave bebedeira que a tomara. Ia fugir,

deixar para sempre o velho, o moleque, o cãozinho. Teve um sorriso cruel.

Pararam longe, à esquina. Mauro ficou esperando-a, sem dizer nada, no fundo de couro.

Ella penetrou. O relógio antigo marcou a hora em seis badaladas metállicas, regulares, intérminas. Ella trazia comsigo uma triste tenacidade. Num susto, esvasiou as gavetas da cômmoda antiga, tirou duas blusas, duas camisas de dormir e as lembranças compromettedoras de Mauro, um vidro quasi vasio de perfume, um baton de rouge.

Estacou. Ouvira ao seu lado, no outro quarto, passadas vacillantes. Se elle viesse interrogal-a! Se elle abrisse a porta de repente!

Estava tôda gelada. Mas o velho sentara-se de novo.

Viu Mauro lá fora, esperando-a. Não tinha tempo de se commover, de dizer adeus aos antigos móveis... Amarrotou tudo num embrulho, desceu cautelosa.

E abalou para o taxí, fazendo que não enxergava a vizinhança.

O telegraphista morava sem ninguém, num quarto de sobrado antigo, na Avenida Tiradentes. Para entrar, subia por corredores com degraus, atravessava um cubículo que atulhavam immensas malas etiquetadas de um vizinho. O quarto tinha a cama estreita, a mesa, livros e cadeiras e uma só janella, clareando o papel desbotado das paredes.

Sôbre o leito, pendia uma gravura destacada de livro. Era Charles Baudelaire. Tinha um velho retrato da mãe morta, sôbre a mesa desordenada.

Pairava sôbre os seus dias o sonho de uma vida tranquilla com Alma, sob a guarda dos antigos deuses tutelares, numa estação ferroviária minúscula. Premeditava o accesso na sua carreira longa e honesta. Levando o sonho fulvo pelo braço musculoso, deixaria São Paulo, os baf-baf das manobras enfumaçadas na gare magnífica, a solidão literária e o esporte no rio.

A família, perdera-a em Pernambuco: uma mãe louca num hospício, um irmão padre. Depois da infância livre, tivera uma educação confusa num collégio francez.

Chegara a São Paulo numa noite de garôa. Desembarcara querendo deslumbrar-se e fôra por uma rua de casas baixas e torpes, sob arcos de viaducto, até o centro enladeirado, buscando um hotel.

Um politico do Norte, devedor de favores antigos ao tronco extincto, recommendava-o bem. Foi pôsto no telégrapho da Estação da Luz. Ganhou logo a confiança amável do chefe, porque, entrando de chapéu certa vez, tinha sido reprehendido por um impertinente e estapeara-o.

Começou a nadar no Tieté, lembrando-se da meninice no Recife.

No emprêgo, considerava-se um só, em meio daquelles inexpressivos burguezes de mocidade extincta, sem banhos ao ar livre, sem namoros sonoros.

Perambulava confusamente por esthéticas e religiões. Compunha versos e tinha receio de mostral-os. Uma noite, conhecera, apresentado por um estudante de pharmácia, três latagões que faziam parte berrante da jovem literatura cosmopolita da cidade. Atravessaram noites nos cafés, aborrecendo garçons somnolentos e lendo-se. Applaudiam-se incondicionalmente, despedindo-se na madrugada de tilburys e bebedos.

Agora, o romance fulvo da Rua dos Clerigos absorvera-o. Ás vezes, insomne e trágico, sahia do plantão numa urgência de repercussões. Montava á penumbra confidencial de uma agua-furtada da Rua das Flores, onde Frederico Carlos Lobão, anafado e lyrico, o esperava. Expandia-se depois de

uma mudez de alto propósito. O outro, sem comprehender, ajudava-o numa longa e inútil peregrinação mental pela psychologia errada das mulheres e das coisas. No quarto abafado de morrinhas, construíam e destroçavam o mundo á vontade.

Voltava mais sereno para o seu bairro, sonhando. Dormia pelo dia a dentro, ia nadar nas tardes amarellas sôbre o rio túmido das enchentes.

E na gare accesa, ao tlin-tlin-toc-toc do ganhapão, perscrutava inutilmente a janellinha de grades verticaes, doiradas, onde vira pela primeira vez passar Alma d'Alvellos. Tinham-lhe dito que estava doente, não a encontrara mais, fazia já três dias.

A noite escoava-se no bocejo ruidoso dos outros e no passear intérmino do guarda da plataforma. Elle, por uma superstição sobresaltada ficava vigiando sempre, um ôlho no teclado, outro lá fóra onde ella poderia passar.

O abandono da casa pela neta, a ausência inexplicada ao jantar, a demora em não voltar até dez, onze horas, com o tic-tac apprehensivo do relo-

gio na antiga varanda, tudo ergueu pouco a pouco o velho Lucas num desmemoriado esfôrço.

Êlle nunca presentira, no crocitar do homem curvo que a cozinheira denunciara, a seducção da sua criança.

A netinha ruiva era o resto de tudo o que perdera. Se o deixasse, ninguém mais o tratava, ninguém mais lhe preparava o banho morno. Mas saberia buscá-la. Ainda tinha relações que não frequentava, havia quantos annos. Mas voltaria, iria de um a um, dobrar os seus cansados joelhos... Procuraria, logo que amanhecesse, o capitão Marcellino, o Dr. Carlos Ribeiro, o velho Mascarenhas que era da policia.

Contaria tudo. Não haviam de deixar tirar uma menina honesta da casa de seu avô. De-certo, prenderiam o miserável.

O cão sonhava a um canto. Pareceu-lhe ouvir passos. Foi ver. O antigo coração atropelou-se. Não era ninguém. Sentia agora chamar na noite. Vieram-lhe duas lágrimas aos olhos seccos. Onde estaria?

Esperou o dia pardo. Fumara dois maços de cigarros. Sentia-se todo trêmulo. Parecia-lhe que tinha morrido gente na casa.

Resolveu escrever uma longa carta ao outro neto, Jorge d'Alvellos, que estudava na Europa, na cidade de Roma. Não encontrou papel. Erguera-se com caimbras finas nas canellas de esqueleto. Andava num grande paletot, remendado por ella. Ouviu um barulho. Outro. O moleque levantara-se. Enrolou-se depressa no cobertor vermelho e rasgado, para não contar a ninguem que a neta fugira.

O cachorro pequenino, eriçado de pellos sujos, foi, num tic-tac matinal, saudar a patroazinha no quarto vasio.

Mauro juntou a vassoura rubra dos cabellos, na sombra do quarto despovoado, naquelle deserto da Penha. E lá fóra, passava um tilintar de chocalhos regulares.

Alma gritou:

— Perdão! Perdão!

Atirada pela mão divina que a estraçalhava, ao solo duro, caiu e ficou esperando a morte que caminhava de-certo naquelle ermo indefeso.

Elle ficou rodando pelos quartos nús, cheios de frinchas. E ella tinha a vista num só ponto — olhava a revelação pasmosa da vida.

Num corte de oiro sôbre o negro soalho antigo, feito pela abertura de um dedo da janella, subia a poeira da casa revolvida. E nas soleiras, nos buracos de rato das portas, andavam manchas quentes de luz.

Ella esperava, justificando-se baixinho. O homem de Campinas enganara a própria D. Rosaura. Dissera-lhe que havia esquecido a carteira no hotel, dera-lhe um cartão. Diria isso tudo a Mauro, mostraria o cartão. Elle havia de comprehender. Talvez consentisse que ella o beijasse de novo. Levantou-se. Estava moída dos trambolhões. Chegou mansamente á porta. Elle rabiscava qualquer coisa com um lapis, á meginha da sala. Foi indo. Elle a presentia sem se mover, de-certo acceitava-a de novo... Foi, quiz enlaçal-o. Mas elle preparara-lhe a bofetada sonora. Preparara...

Tinha recuado, convulsa. Fôra um golpe têso no coração, um abalo geral de todos os nervos, de

tôdas as revoltas, de tôdas as maldicções... E as lágrimas pularam, pularam...

Teve vontade de trepar pelas paredes de cal. Mas o corpo amolleceu-lhe nas escoras inúteis dos músculos, a cabeça tonteou-lhe.

Fôra voltando. Parara na cozinha — negra das antigas existências calmas da casa de aluguel. Uma fita de dez côres passou pela telha-vã, bandou-lhe os olhos.

Estatelou-se voluntariamente nos tijolos frios, ficou allí... Sentia uma dôr sem raiva, no emtanto.

Teve ânsias de vomitar: um soluço sêcco escancarou-lhe a bocca de repente. Se elle viesse vêl-a!

O pensamento tímido levantava-se-lhe em phrases: — Que coragem! Eu morrendo aquí! Não tem um pingo de caridade...

Contorceu-se de novo, num outro vômito sem resultado. Ficou tossindo, descabellada, partidas as cordas tôdas do sêr soluçante.

Baixou a ruiva cabelleira até o chão sujo e quebrado e a auréola de luz multicor irisou-a.

Havia de constipar-se, entysicar... Os tijolos ásperos horrorisavam-na. Pensou em ir para a cama... Não... Sim, devia ir... Podia fazer-lhe mal aquillo. Adoeceria de verdade, allí, naquella casa abandonada.

Fez do braço um travesseiro humilde... Que adeantava adoecer?

Um barulho levantara-se. Mauro andava lá dentro. Um arrepio começou-lhe no ventre, subiu. Foi perdendo a energia inteira. Até a fôrça dos olhos glaucos caiu... Estava sem saliva... e doía-lhe o coração de vinte annos.

Elle continuava a andar, a mexer nos móveis alugados... não iria decerto... Bom! Lindo! Em meio das lágrimas, um irreprimivel sorriso confessou-se... Cão! Mesmo assim, queria-o tanto!

Ia sahir, ia sim, deixal-a... Andava no tom decidido dos sapatos americanos... ia... Uma calma de novo na casa sonora... um arrastar de cadeira... ia... um arrepio...

Não ia... estava se demorando... que fôsse! Não... se tivesse escutado!

Calma de novo... Ia... presentiu que ia mesmo... Esticou-se tôda de-bruços, querendo alongar-se como uma cobra até a rua... Tapou os ouvidos depressa e escutou perfeitamente, implacavelmente, o barulho estalado da porta fechando-se.

Lá fora, sempre o tilintar de chocalhos regulares. Cacarejos. A tarde caíra. Haviam passado, de há muito, as ânsias de vômito. O leito acolhia-a carinhoso, na penumbra nua do quarto.

E, calma, grande, desceu como uma sombra de nuvem num ocaso lilás, a saudade d'êlle, a saudade...

— Vamos ao café, deixemos de falar do eterno feminino.

— A mulher é ainda e sempre a garantia da vida, sussurou um magro, grisalho, de olhos verdes,

O velho baixo, de bigodes de chim, concordou num som roufenho:

— E' o único amparo! o único!

— Menos para o artista, menos para nós os artistas! gritou de dentro de sua encardida mágoa o gordo Frederico Carlos Lobão.

Incomprehendido e gesticulante, introduzira-se para tomar o café das três até junto da banqueta serena de João do Carmo.

E na sala do telegrapho, o toc-toc-toc de cem vozes anonymas e dispersas falou, emquanto o servente negro enchia as chicaras da bandeja.

Lobão contara-lhe, fazendo psychologia errada, que Mauro Glade a tinha deflorado. Descobrira.

E o telegraphista pretextara um serviço extraordinario para ficar dizendo na noite, sozinho, o nome sonoro do seu humilhado amor.

Depois, subitamente pensou que podia ser mentira, que devia ser mentira. Quiz procurar de novo o confidente imprevisto e teve pavor de saber mais.

Invadiu-o um definitivo estado de desastre. Dizia cheio de lógica: coração de mulher, coração de rameira!

E rememorou longamente a única vez em que conseguira vel-a depois da carta. Fôra ainda no portão. Era verdade que ella lhe falara ainda do outro, dissera que o amava. E elle tinha partido num impeto de jogar scenas de dramalhão moderno como vira por theatros. Fôra para o quarto com catadupas sonoras nos ouvidos e não dormira.

Agora, Lobão vinha dizer-lhe aquillo, brutal e guloso de desastres, sem contemplação, sem piedade. Tinha sido deflorada num rendez-vous.

Se fôsse mentira, esborrachar-lhe-ia a cara empapuçada e cynica. Andava numa suffocação indizivel. A suspeita enlouquecedora tomara-lhe conta do espirito inteiro, do corpo inteiro.

Caminhara horas e horas, desde a sahida do emprêgo. Foi para a cidade à meia-noite. Entrou no centro numa psychologia de préstito.

Gente sahia aos magotes dos theatros. Parecia-lhe que todos o olhavam como se olha uma solemne passeata de desgraças, com cruz na frente e processionaes tocheiros.

O centro esvasiou-se, com os últimos bondes assaltados pelos últimos retardatários.

Ia sem direcção, andando, os olhos presos inconscientemente nas luzes iguaes das ruas.

Uma sola da botina envelhecida despregou-se, fez-lhe o acompanhamento trôpego da marcha.

Sentia os olhos pregados nas pestanas duras, a bôcca num repuxamento grave de músculos. Tinha sido deflorada, ella... o seu fulvo sonho de àmor.

Desceu por uma triste alameda, arrastando a sola irônica. Um som de piano fê-lo estacar. Havia uma grande casa illuminada, entre árvores que rama-

lhavam. Na rua, junto a elle, varredores varriam fôlhas mortas, como destinos.

Na sala vasia, o piano resoava. Elle proseguiu, profundamente attingindo no seu profundo sêr. Passou ao bairro longinquo. Teve um gesto na direcção do becco, onde o seu amor talvez dormisse sem honra e sem sôcêgo.

E ao subir as escadas, tacteante na sombra, para o quarto desbotado onde vivia, molhou de lágrimas os olhos, que tinha exaggeradamente abertos.

Porque não agira? Porque não soubera enfrentar tudo, arrancal-a do outro e do avô? Porque?

Vieram os dias da desgraçada pesquiza do seu insolúvel inferno. Uma emoção bárbara tomou-o. As tardes foram horriveis, as noites horrendas, as madrugadas lúgubres.

Até o dia em que soube, pela visinhança alarmada e risonha, que Alma voltara para a companhia do velho. E que passara a sahir todos os dias, bem trajada, com um sujeito recurvo e galhardo, que a esperava na esquina.

O dr. Carlos Ribeiro não quizera envolver-se no caso: havia abandonado a política municipal. O capitão Marcellino não recebera o velho, na sua grande chácara quieta. O Mascarenhas tinha morrido.

Elle passou uma semana inteira sem banho. O moleque pulava o portão, desapparecia longas horas. A cozinheira servia-lhe o almôço e o jantar, insistindo para que elle comesse.

Vestia-se para sahir, para providenciar.

O cãozinho conversava com elle aos latidos longos, expressivos, num abanar de cauda que lhe indicava corajosos caminhos.

E nessa manhã de Maio, Alma apparecera no bairro, com o rosto borrado de um sôcco. Vinha num vestido novo e claro, de sêda, sob um desconhecido chapéu. O moleque correu a avisal-o. Elle quiz esperal-a no quarto, no grande paletot azul, para extender-lhe o descarnado braço cheio de anáthemas, quando ella soluçasse de joelhos.

Alma não vinha.

Um longo soluço envolveu-lhe o peito magro.

20

Desceu precipitadamente as escadas, para abraçá-la no portão. Ella ia entrando.

Na penumbra do velho lar, não estava nada mudado. Appareceram em silêncio, pelo corredor, o moleque e a cozinheira. O velho perguntou-lhe se tinha fome. Ella ficou chorando num pequenino lenço, precioso e perfumado

Afastaram-se do bulicio cruel do bairro que commentava.

Estavam desolados e mudos. A paisagem, renascida do outomno, invadia de oiro e azul a casa morna.

O velho Lucas, sentado ao leito guinchante, ouvia-a repetir as histórias do homem adunco.

E as manhãs foram as mesmas de outrora, accordadas pelo apitar longo e successivo das fábricas do bairro.

O diabo sátyro contara que era casado em Buenos-Aires e esperava o divórcio para legitimar aquella situação.

O velho, num desvairo, prohibira-a de sahir. Mas o homem forte e furioso começou a cercar a casa quieta.

O ancião fez a retirada heróica para a sombra do seu quarto.

Deus dissera, pela bocca do propheta Jeremias, como cantava a Verônica nas procissões: *Attendite et videte si est dolor similis sicut dolor meus.*

O homem barbudo e simples que, no dia 15, veio trazer o aluguel das duas casinhas da Lapa, não approvou aquelle estado de coisas.

O velho expandira-se muito tempo com elle no jardim.

Tudo isso acontece porque a gente é pobre. Se o velho não fôsse pobre, a polícia o defenderia com os amigos alvoroçados e os soldados luzidos, cheios de botões.

Mas Frederico Carlos Lobão tornara-se o companheiro eleito das horas maguadas de João do Carmo. Num desperdício verborrheico de anályse, commentava as mulheres.

Atravessava noites ao lado do outro, mudo soterrado do amor. E lá iam aos passos, num contraste. Lobão gesticulava gordo pelas ruas e praças, onde o vento do outumno abatia rajadas de fôlhas amarellas. João era todo ouvidos abertos.

— Eu incorporei a minha portugueza á massa das Evas pérfidas. Você precisa fazer o mesmo! Coragem!

Desceram até a Ponte-Grande na tarde quieta. João do Carmo deixara de nadar, abandonara para sempre as madrugadas de remo na neblina. Os seus músculos decresciam. Pedira demissão do cargo de 2.º secretário do club.

Penetraram no jardim arborizado.

O sol tombante accendera os seus fogos dentro d'água. Nadadores sahiam com corpos perfeitos, de animaes, da toalha negra do rio. Recolhiam-se barcos esguios. No céu houve um desperdício de colorido longinquo por traz da Floresta. Depois uma última rubescencia morreu e a primeira estrella, muito alta, luziu.

E tudo engrandeceu, tristezas e águas, na noite que chegava.

No escuro inutilmente mystico, entre extases, braços abertos, illuminações, resplendores e mágoas de patriarchas, o Senhor Jesús da capa roxa, amar-

rado pelos pulsos, tinha a corôa de espinhos burlescamente de banda, como na noite de Caiphaz, em Jerusalem.

Em sua frente, o velho Lucas, sob o desfiado algodão dos cabellos, encolhido e magro no leito guinchante, escutava passar nas horas immensas uma procissão de enterro sem música.

E, no outro quarto, Alma, com um relogiozinho de pulso que ganhara, sentia que a vida era uma cavalgada de faunos pela terra.

Mauro recolhia todo o dinheiro arranjado em casa de D. Rosaura. Ella não ficava com coisa nenhuma.

Era uma luta estabelecida, clara, com sortidas e embates, recúos e rendições, entre o caften branco e a covardia rica da cidade. Elles iam todos, os vadios da sociedade chic, os velhos vermelhos do São Paulo Club, os arrivistas commerciaes, levados na volúpia de possuir num leito rendado de casa suspeita, a desvirginada do bairro distante, cuja innocência a senilidade trêmula e ingênua do velho avô

garantia. Era um caso raro: uma menina de família brasileira, educada para as devotações burguesas dos lares obscuros, e que rolava num esbandalhamento de gritos e surpresas, pela rampa mirífica das prostituições sensacionaes.

Os poucos que a haviam conhecido nos bons tempos, quando o avô Lucas, depois de fechar a sua casa de louças, fôra cinco annos gerente de uma grande firma, na Ladeira João Alfredo, punham um requinte que os suspendia nas trêmulas escoras sexuaes, gastas pelas vidas de regulado deboche, em ter alli, no quarto de penumbra medida, comsigo, no leito, as recordações honestas da familia impolluta, que a vida estatelara de costas no colchão dos vencidos.

Não era ella — o corpo imperfeito de adolescente, o rosto mártyr sob o capacete desfiado dos cabellos fulvos, e a inexpressiva sexualidade dos vinte annos. Não: era o caso, a neta do velho, a prima do esculptor que estudava em Roma, a creança sem defeza que punha um pudor doido de punhos convulsos no acto nefando, para gôzo maior e volúpia mais cega dos impotentes do amor.

Era um estupro diário, um desvirginamento de tôdas as horas, o sacrificio diabólico d'um retractil hymem psychico que resistia á onda impura, creava

barreiras divinas à barbara devastação e apenas amava, amava, amava o seu algoz inflexivel.

Mauro offerecia-lhes o defloramento sem complicações, sem consequências, a bom preço, longe da escalada nocturna às pazes tutelares de onde êlle a tirara num longo soluço de iniciações.

Passado o primeiro mêz de suffocação idiota entre braços alheios, Alma no emtanto, se repugnera, se affirmara. Era uma féra enjaulada, na casa esquisita onde a vendiam.

Muda, sem seducções a não ser a da sua mocidade banhada de sol e a da sua tristeza banhada de lua, incapaz de agrados e de falsificações, esperava a hora do leito como um doente que esperasse a hora inadiável da morte.

O homem moreno e flácido, de bigodes bem tratados, sorria depois da gelada posse, dando-lhe a nota brilhante.

— Cuide de si. Não entregue a êlle tudo que ganha!

Aquelle interêsse fazia-lhe subir um asco sêcco à garganta. Olhava o interlocutor com vontade de cuspir-lhe no rosto cynico tôdas as cobras que a faziam engulir. Êlle vestia-se sem pensar na filhinha de dez annos que se phantasiara de Camponeza da Hollanda para o último baile do Internacional. Ia

contar ao club ávido que possuíra a menina ruiva, commentar-lhe os seios redondos e brancos que apenas entrevira sob a camiseta púdica.

Ella ficava à espera de outro, entre as demais asylladas, quieta, tétrica, na sua juventude doirada.

O caften vinha, risonho, pállido das noitadas. Ella dava-lhe tudo — a vida e a lama: os beijos que eram seus, que guardara só para elle, inviolados aos lábios de acaso que a tinham suffocado, e o dinheiro, o dinheiro à bessa que lhe punha uma auréola de super-humanidade entre os seus irmãos aduncos de seita:

— E's um felizardo! E's um felizardo!

Nos dias mornos da casa suspeita, entre reposteiros, Alma perdia-se às vezes em pensar no que fariam a essas horas no sobrado antigo, o avô deshonrado e o moleque e o cão. O velho Lucas não sahia mais, tinha uma vergonha infantil dos vizinhos maldizentes. Uma tarde, ella chorou. Perguntou-lhe uma mulher compassiva a razão daquellas lágrimas.

— Ellas vêm. E' preciso pôl-as para fóra.

O contacto diário com o nauseabundo typo de calva integral no sorriso, no couro, na alma e na vida — o repulsivo gosador morto das migalhas da existência e das sobras do amor, o burguez do dinheiro, sem educação e sem vergonha, pôsto de balandrau na cômica procissão trágica dos gozos da terra, foi formando em Alma um desvio de dolorido cynismo. Pensavam que ella era como as outras e talvez tivessem razão. No emtanto, ás impenetráveis reservas da sua candura, subiam ás vezes faiscas doidas.

Aquelle dia, entrara na casa, posando desde a porta um ôlho clinico de entendedor, um médico de crânio chato que parecia apertar chatos pensamentos.

Apresentaram-na numa apresentação humilhante — a única a que ella tinha direito. E elle disse:

— Conheço-a de fama.

Ella ficou offegante no seu canto. Era conhecida de fama... O velho Lucas, o cão, o moleque, o

telegraphista, todos morreriam de syncope, um atraz do outro, se ouvissem.

O homem sentou-se numa segurança de bonzo que adivinha thronos, por todas as banquetas onde se pagam bebidas. Fez vir chartreuse, fez vir benedictine, fez vir pippermint.

Ella era forçada a servir-se com as outras, em redor do senhor momentâneo do ambiente. Acceitou sem gestos o cálice côr de losna e provou.

E a mulher gorda, em quem a presença do freguez excellente accendera, entre rugas, os olhos avaros, poz-se a repetir o elogio gravado na sua pobre cabeça de quarenta annos d'aquella vida bebeda.

— E' de fazer inveja!

— Porque? sorriu com dois dentes na bocca trevosa o amarello calvo.

— Porque todos a querem.

— Eu não faço questão.

Examinava-a.

Oh! as humilhações da vida, as humilhações que precipitam em vontades de chorar a circulação já doente do sêr convulso e magnado. Ella sabia que não valia nada, sabia por Mauro. Mas aquelle homem tambem não valia nada, era um nojento bem vestido, como um cadáver.

O calvo analysava-a. Disse duas pilhérias grosseiras. As mulheres riram attenciosas. Levantou-se. Concentrara o seu exame parvo na figura ruiva, de cabeça baixada. Não teve a última coragem, a de dizer alto que a queria. Sahiu para a saleta. E dahi a pouco, D. Rosaura voltava para buscal-a.

— Não vou.

Houve uma estupefacção na sala das vendidas. A discussão em voz alta cresceu. Numa indignação surpreza, a caftina sahiu e voltou.

— Dá até quinhentos mil réis.

— Não vou!

E nessa noite, na Luz, Mauro resurgiu para atirar-lhe ao rosto, com tôda a sua raiva de cocaína, um sapato americano, depois de a ter garganteado nos lençóes.

O avô conduziu-a machucada e lívida até junto do oratório extático.

E ella poz-se a pensar em Mauro: como elle era lindo, como tinha razão contra os outros!

Na sua garçonnière de cretone búlgaro, o médico de calva chata commentava com gente de sua classe bem posta.

— Quem a vendeu foi o avô. Tive-a hontem depois de muita fita. Agora o velho e o outro repartem os lucros.

Plou! Plou! Um pedaço de pau na torrente da vida.

João do Carmo conhecia quasi tôda a verdade. E viera-lhe, num accesso de lancinante despeito, a decisão de possuí-la sem amor. Ser Don Juan por

26

desastre sentimental era a sua excusa, o seu programma.

Poz-se a provocar encontros com Alma, na volta habitual da cidade. Ella tivera um arrepio íntimo, ao vêl-o pela primeira vez. Voltara o rosto bruscamente, instinctivamente, fugindo á fulminação daquelles pobres olhos trahidos.

Elle saudara-a com a velha palheta, amarella das garôas, num sorriso onde ia todo o seu espaçolamento.

Regressara sôbre os próprios passos para vêl-a entrar: queria que ella o presentisse ainda, o cumprimentasse ainda.

Mas Alma fugia como uma ave baleada. Bateu o portão, entrou.

Em cima, no balcão de jasmins, nem signal de vida.

João esperou anoitecer, rondando para cá e para lá... Achava absurdo que ella tivesse passado incólume pela sua suggestão amorosa e constante.

Na rua, claudicou longamente, com moleques atraz, uma carroça de reclamo de circo.

Abordou-a afinal. E tacteando a enovellada tragédia, como quem teme uma explosão suffocante, falou vagamente da verdade.

Ella se mantinha n'uma attitude de reserva e dissimulação, recostada, muito fulva, rescendendo a Yvonette, nas velhas grades do jardim. Parecia ter o rosto martyrisado e maior.

Desviara-se, por uma convenção piedosa de ambos, a vida do asylo de D. Rosaura. Ella parecia sensibilizada. Puzera-se a sonhar.

E, no intimo do telegraphista, cresceu de subito uma magua profunda contra aquelle portão, em que o outro a seduzira. Disse mal, hyperbolicamente, dos varaes, onde a pintura se chagara em longos annos. Passou a insultar a sombra dos canteiros mal cuidados. Alma reagiu espicaçada.

— Foi aqui que conheci a minha desgraça e o meu amor.

João correu ávido ao encontro do próprio sacrificio horrendo.

— Estavas pensando n'elle?

— Estava...

— E' verdade?...

— E' verdade.

Foram chicotadas de aço na noite.

Um moço bem vestido, com um monóculo arregalado na pupilla direita, apertou a campainha do rendez-vous. Seriam dez horas da noite.

Uma mulher, de cabellos curtos e loiros, veio abrir e desappareceu para o interior, numa corrida de louca alegre.

Na sala encerada e escura, onde ao piano tangava um rapaz curvo, um sujeito, afundado na cadeira de couro do canto, sorria por debaixo dos bigodes. Ladeavam-no, muito perfiladas em outras cadeiras, uma ingleza que era professora de bailados e uma chilena gravida de sete mezes.

A mulher de cabellos curtos e loiros fez sentar o rapaz de monóculo, disse-lhe num tropel que D. Rosaura estava occupada, que quem mandava aquella noite era ella e que havia outras lá dentro.

— Você sabe, a Pippermint está ahi!

Num afobamento de dona de casa, tirou a jaqueta azul, fez servir whisky por um garçon grave. Da blusa sahia-lhe, sob a oxigenada cabelleira, o pescoço alvo e curto. O rapaz enlaçou-a e beijou-lhe a pelle branca e quente. Ella enervou-se: estava to-

mando conta da casa, não queria saber de ninguém. E foi para dentro aos pulos.

Ao som indisciplinado do piano, onde a chilena grávida se sentara, o rapaz curvo e a professora inglesa dansaram. A loirita voltou trazendo uma mulher extática com olhos parados, numa toilette pisada.

O piano claudicou.

Era a Pippermint, que tivera uma tragédia longínqua e andava bêbeda pelas ruas e praças. O Bentinho da Bolsa de Mercadorias amava-a dedicadamente.

A alcoólica espectral parou. Da garganta saíam-lhe sons inapreciáveis. Perguntava quem a tinha chamado. A mulher loira sentou-a como um bonzo magro. Repetiram-se as bebidas.

O rapaz curvo voltou ao piano.

Uma fulva creança de vinte annos veio vindo lá de dentro com um velhote. Parecia tonta. Ensaiou no meio da sala alguns passos esbeltos, à tarantella que ressoava. Ria-se numa desigualdade de tons, roçando pelo velho o corpo juvenil e mostrando a perfeição dos dentes. A chilena grávida, na sua poltrona, esbodegava-se de alegria expansiva. A inglesa torcia de riso o corpo franzino.

Convencido, surdo à algazarra, o pianista continuava, de costas, a sonora melodia napolitana.

A menina de vinte annos, que tinha o extranho nome de Alma, centralizava as attenções, fazia momices ao músico, jogava as pernas para o alto. O rapaz de monóculo, que se levantara, passou-lhe a bôcca duas vezes pelos cabellos desgrenhados e côr de labareda.

O homem, afundado na cadeira de couro do canto, deixara de sorrir por debaixo dos bigodes e espatifou de repente um copo no soalho. A bulha cresceu.

O rapaz perdeu o monóculo. A professora ingleza gritava para a bailarina improvisada que executasse a Dansa das Horas. Bateram palmas. O velho quiz intervir. O rapaz, que perdera o monóculo, investiu para atracar-se com elle. Houve um tumulto. O piano parou. Mas um côro de adhesões desencontradas e bêbedas estrugiu, convenceu:

— Dansa! Dansa!

O moço zangado desfez a tromba: comprehendeu que estavam todos alegres. Só a Pippermint se conservava séria, de olhos fixos, immóvel na sua cadeira. O velho foi sentar-se rindo.

O rapaz curvo annunciou que ia tocar a Salomé, aos berros; voltou de novo as costas; começou uma escala no teclado.

Esganando-se de gôzo da vida, o velho disse que era São João.

Então, ante a alegria tocada de fúria sensual da disparatada assembléa, com grandes risadas de abandono, as faces em tijolo, os verdes olhos mortiços, Alma dansou a versão lasciva de Oscar Wilde.

A vizinha redonda da frente que costurava com as filhas e tinha, em letras pretas, um cartaz na janella: *Faz-se point à jour e trou-trou,* chamou-a no começo caricioso da noite e perguntou-lhe se não precisava de um manteau e de um renard.

Num divan, Alma supplicava ao lado de Mauro. Elle permanecia impassivel, fumando.

29

— Que bom ter um filhinho, um filhinho teu! Deixa-o viver...

— Tens certeza de que é meu?

— De quem pode ser?

Erguera-se muito séria; deitou de novo a cabeça e ficou quieta.

— Não custa nada, disse elle. Conheço uma italiana que faz isso.

— Não quero, não quero, Mauro.

— Mas eu quero.

Houve um silêncio.

— Eu morro d'isso, murmurou Alma, num pressentimento.

E Mauro disse:

— Se morresse!

Mauro deu-lhe a mão, fel-a levantar-se, depois de um instante. No leito, ficaram coágulos quasi negros de sangue.

Encostada a elle, Alma sahiu cambaleante e sorrindo. Tinha um mêdo enorme de que o avô soubesse.

Quasi morrera. Passou uma semana trágica num quarto de D. Rosaura, que a tratou.

As outras foram visitá-la. Contavam-lhe as vidas iguaes e os amores iguaes. Tôdas tinham um homem adunco que as espancava e lhes tirava o dinheiro precioso. E fallando de Mauro, tôdas lhe diziam, encordoando os pulsos rachiticos:

— Se fôsse commigo!

O velho avô permaneceu dias e noites na fogueira accesa dos seus nervos. Fungava no leito, pensando na desapparecida. O cão, sôbre o tapête desfiado, somnambulava antigas caçadas de ratos.

O quarto escuro illuminou-se d'aquelle sorriso, a casa torva também, a cidade crepuscular também, o ergástulo do mundo também.

Sozinha, sentindo os seios doloridos, ella apertara um biquinho duro e vira, num assombro, despontar do imperceptivel manancial uma gotta branca de maternidade.

Sentindo-se melhor, sahiu chorando, na madrugada. Tomou um taxi chorando, foi para casa chorando. O chauffeur tinha uma cara redonda e branca. A cidade neblinava indifferentemente.

Camilla Maia, uma perdida elegante, veio visital-a, com o seu pequeno sorriso, na Rua dos Clérigos. O velho Lucas não disse nada, deitado no leito guinchante.

Numa sentida raiva, lembrava o Amazonas, onde vivera, e os sobrinhos que tinham querido Alma

em pequenina e depois o haviam abandonado. Anthero d'Alvellos, fazendeiro rico em Yacanga, havia de pagar, depois da morte, tamanha desgraça.

João do Carmo levantou-se às duas horas do dia quente. Alma, na véspera, fingira não o ver.

Foi procurar Frederico Carlos Lobão na sua agua-furtada de desenhos grudados. Não o encontrou. Tornou desolado ao quarto da Avenida Tiradentes. Lobão esperava-o à porta. Trazia uma novella, cheia de psychologia, no bôlso. Leu-a, num banco calmo do Jardim Público da Luz com a voz tonitroante, acompanhada de gestos gordos e eguaes. Esfalfou-se nos pedaços maiores. De longe em longe, aves excitadas gritavam. João distrahira-se. Com os braços cruzados, ouvindo confusamente, pensava em Alma.

Depois de lhe pedir a opinião com sinceridade, Lobão passou uma descomponenda nos governos que não protegem os artistas nem aproveitam as vocações.

O telegraphista, de folga, tinha a noite livre.

Falaram litteratura. João do Carmo empolgou-se um instante, mas veiu-lhe logo uma cançeira mortal. Dentro d'elle havia só o coração que amava.

Lobão propoz que jantassem no Hotel Rebecchino. Rachariam a despeza. Sentaram-se ao fundo da sala pobre. Casaes com creanças e homens simples do interior vieram devagar, apinharam as mezas, onde espigados vasos de vidro punham notas fanadas de flores.

Ao calor amável de um botelhão de Chianti, Frederico Carlos foi imprevisto, foi pictoresco. Para o outro, um instante esquecido, narrou uma viagem que fizera ao sul de Minas.

Seriam oito horas quando subiram ao centro. João do Carmo teve um lancinante silencio, pelas ruas, sem ouvir o bohemio que falava sempre.

Na esplanada do Municipal, a fanfarra da policia tocava um trecho da Bohème de Puccini, em meio do povo. As saudades falhadas cresceram no peito amoroso.

Deram de cara com um amigo commum, só, parado em nervos, no Viaducto. Chamava-se Dagoberto Lessa e nunca conseguira nada da vida. Dis-

se-lhes de chôfre, como quem tem uma velha idéa a despejar:

— A esperança é um espêto onde sempre falta o assado.

Lobão desemburrou-o à fôrça de risadas gelatinosas de todo o corpo. João despediu-se, cada vez mais vencido.

E ficou andando, sem destino, até a madrugada perfumar os jardins calados da cidade.

Alma queria ter um gatinho, passá-lo no decote do vestido, pelos seios nús.

O velho pedira-lhe que sommasse o caderno da venda. E, como antigamente, ella dizia alto, na meza, recoberta pelo desbotado panno xadrez, perto do moleque, crescido, de pé, escutando:

Fubá... 400 réis; alpiste... 400 réis; cebola... 200 réis...

O alpiste era para a colleirinha bisonha que o avô comprara na porta numa ingênua festa, quando ella regressara.

Mauro reappareceu.

E ella teve dias pela casa, sentindo um aperto em cada canto; outros, uma alegria em cada porta. Interrogava as paredes, o passarinho, o cachorro idiota e pelludo.

Voltava-lhe às vezes, para inundar o coração pequeno, aquella tristeza que pedia mais...

Mauro levou-a para jogar pocker a uma casa baixa e illuminada da Ponte-Grande.

Oh! que canceira fulmínea da vida aos vinte annos!

Deitou-se ao leito conhecido, com um telephone á meza da cabeceira. Tinha fechado a porta para que ninguém viesse. Tomou o boião de éther do aparador. Ensopou dois lenços de linho.

Aquella molleza gostosa... uma vertigem fria subindo... e uma vontade indecisa de não sei que... subindo sempre... Afrouxara-se-lhe o nó da vida... O homem de preto era côr de cinza... Aquella cara... Uma vertigem bôa que a levava... E o passarinho ria calado... ria... côr de palha... Caras... Caras... Caras... Subindo... Porque tantas caras? E a molleza amarella que a abraçava, que a levava, que a suffocava de lábios tontos... Levava-a, fazia-a rodar e subir frio... As caras desfilavam, subiam, fugiam, sem barulho, sem nenhum barulho... por impalpáveis salões... por...

Esperou o velho dormir e veiu num bonde até a cidade. Estava num tailleur esbelto, de gola alta.

Os convites de aventura passavam por ella, sem accordo.

A fanfarra da polícia concertava ao ar livre, no amphitheatro de luzes do Municipal.

Sentou-se a uma das últimas mesas. Pediu whisky. Achava horrível a droga, mas bebia até perder a última vigilância da lucidez.

Fazia-se tarde. Foi pelas ruas andando. Um gemido integral do espírito, com vontade de ser gritado, afogava-se dentro della.

A madrugada surprehendeu-a, mysteriosa, num jardim de chorões. Ficou parada na ponte abaulada, sôbre o lago sujo da Praça da República. De repente, gritou. Um vagabundo que bebia água na concha das mãos, entre pedras, ergueu a cabeça apprehensiva. Perceberam-se num mútuo receio. E partiram em direcções oppostas, pela noite.

Eram sete horas. Ficara no rendez-vous o dia todo e não acceitara ninguém. Tinha fome. No bairro distante, o velho avô havia jantado o seu pequeno jantar, dando de comer ao cachorro.

Ella agora não sonhava mais, como em creança, ter um marido, uma casa com creados, bebés de cachos e laços de fita na cintura.

Foi procurar Mauro no bordel da Yvette, para pedir-lhe cinco mil réis.

João do Carmo tomara-se de uma suprema inquietação amorosa.

Ante o espêlho quadrado que servia para a toilette improvisada dos seus dias, achava-se macerado como um suave peregrino. E repetia fitando Baudelaire:

L'amoureux pantelant, incliné sur sa belle,
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.

Quando percebia Alma, num procurado encontro, sentia cem trombones funerários tocarem-lhe aos ouvidos escancarados. Tinha um sincero pasmo pela coragem lendária de Othello. Se fizesse um fim de drama como êlle!

Vinha-lhe uma sensação de frio no peito. Queimavam-se-lhe as pernas. Tinha uma dôr physica de cicatriz aberta no coração. Lágrimas corriam à-tôa e brutalidades estrangulavam-se-lhe nos punhos.

Alma trouxera um charuto havano para o velho Lucas. Mauro tomou-o.

E o telegraphista abordou-a resolutamente de novo, numa áurea tarde do bairro populoso.

Dagoberto Lessa, andando com João, encontrara-a de vestido ligeiro, sapatos de pelica branca, num canotier insolente e manifestara por ella um culto apaixonado e cynico.

De modo que não fôra difficil, para o namorado, tel-o por conviva no festim de imaginação que se offerecia continuadamente, com um possivel futuro, fulvo e ridente, onde entrava resignado o necessário

de pouca vergonha. O grande assumpto de ambos era ella. João mentia ao outro, desviando para horisontes lyricos, a história da sua perdição. Repetia-lhe os antigos diálogos. E contava-lhe como amava apesar-de tudo, animando o deserto nocturno dos viaductos.

O velho esperava que a neta viesse. Ella promettera assistir à entrada do anno novo, em casa, diante das imagens antigas acompanhando o têrço, como nos annos passados.

Num cortiço vizinho, haviam improvisado uma orchestra de negros.

O avô, tendo o cão deitado allí, rezou sozinho o rosário precatório, com o moleque de olhos brancos, escutando, ante uma vela vacillante.

Na cidade extensa, as fábricas annunciaram sonoramente que a crosta velha do anno se despegava da terra juvenil. Os mil apitos cantaram, cantaram. O velho imprecava, o moleque respondia devagar, o cão adormecera da melopéa religiosa.

São José, de dentro do velho oratório, olhava

impassível, tendo o menino ao collo — o mundo simplificado em azul nas mãos polpudas, com uma cruz em cima.

Lá fóra, tocava a orchestra melancólica de negros.

Alma ficara tomando champagne na casa de D. Rosaura. Sahiu à-tôa pelas ruas encantadas de movimento nocturno.

Na esperança do anno melhor, um bar do Triângulo atravancava-se de gente feliz. Ella sentou-se a uma mesa esquiva.

Ficou deante de um cálice, ouvindo a música emocional, na noite ruidosa.

A seu lado, em outra mesa, um moço sórdido discutia com um velho ponteagudo, de olhos canalhas. Súbito, o velho piscou para ella.

A madrugada cidadina escoava-se. Foi para casa num taxi. Encontrou tudo escuro e fechado.

— O Lobão é uma vela apagada no altar da inteligência humana.

João do Carmo desfranziu a carranca sentimental, sorriu. Estavam na confusão ruidosa da noite de janeiro de uma taverna central.

Sob as luzes espirradas, Dagoberto Lessa parecia mais calvo no contraste dos pontudos bigodes ruivos. Valorizava-o um imperturbável ar sério.

E, de dentro de João, vinha por vezes uma insensata vontade de acariciá-lo.

— O Lobão, o Telles Aguilar e o Pinto Pé de Anjo recusam-se a subir ao segundo andar da inteligência humana. Têm mêdo de que desabe o elevador.

O garçon achegara-se, com o guardanapo sob o braço de alpaca, num grande aspecto afarado.

— Cognac! gritou o disiludido. E você?

— Kirsch... para evocar.

— Outro dia, reli o *Jardin d'Epicure* e quebrei a caneta. Prefiro escrever um volume sôbre estrumes humanos. Imagine você se eu escrevesse um

36

livro como êsse! A res-pon-sa-bi-li-da-de! Que seria de meus filhos? Você sabe que tenho cincoenta.

Houve um silêncio, no barulho. E o homem continuou:

— Nasci para fazer a grande arte, mas resolvi fazer a pequena. Vou só responder a enquêtes.

Emborcaram cálice sôbre cálice e o palrador chegou ao caminho ensombrado das confidências.

— O triste, o trágico de tudo é que me casei por amor! Tinha vinte annos e prendi-me pelos primeiros olhos que me chamaram a attenção, sem indagar se êlles diziam: "somos intelligentes" mos compassivos", "somos idiotas". A creatura pobre como o Lobão. E quando pretendi tirar-faíscas da alma, nada! Escuro como o cérebro de um tenente de cavallaria.

E depois de um tempo, consolando-se:

— Emfim, essa história do meu casamento foi imbecil, mas foi de artista, de grande artista, foi que nem a história de Jean Sébastien Bach.

Esvasiou mais um cálice de um trago e sorriu com um sorriso physico de músculos relaxados. E como recrudescesse em tôrno a balbúrdia do bar, largou da bôcca um insulto grosseiro e collectivo. Depois, fitando no outro os grandes olhos serios:

— João, aqui nesta sala há cincoenta homens,

quarenta e nove são infames! O que resta sou eu ou é você...

Voltou ao casamento, discutiu mulheres e, de repente, lembrou-se de Alma.

— Essa sim! E' a única! Se fôsse commigo... Do thesouro de Creso que tens, tiras duzentos réis e te contentas! Eu me extremaria, me arruinaria. Porque acceito tudo, o trágico e o cômico, com dignidade. Desejo, em amor, apenas isto — o sacrifício integral do meu próprio individuo. Imagina, João, fazer chorar sôbre o meu desastre todos: os empregados dos bancos e das confeitarias, as senhoras caseiras e as horizontaes...

Deante do outro que se crucificava na cadeira, o calvo proseguiu, às braçadas, o seu sermão de lagrimas.

— Estou grávida, sim...

Ella estacara com o tapa têso, as duas mãos mantendo as têmporas, chammejante e immóvel.

— Esta cabeça que já é tão dolorida!

Depois, crescendo, transfigurada:

— Estúpido! Gritarei até vir gente! Gritarei...

O caften saltou, derrubou-a, quiz pôr-lhe um pé no ventre importuno. Ella debatia-se. Largou-a desmantelada e foi-se.

Permaneceu até tarde naquelle quarto claro de D. Rosaura. Queria ter o seu filho, fôsse como fôsse. Viu ao espelho o rosto machucado, sob a ruiva cabelleira, dispersa e mal junta, o olhar enfaixado no luto das olheiras.

Deitou-se humildemente. E de súbito, no escuro, accendeu-se a entrada luminosa da pensão da Odette. Mauro já estaria chegando lá. As outras estariam correndo para êlle, como pavões, aos gritos...

No fundo nunca analysado de João do Carmo, uma honestidade engrossava, como o rio nas enchentes.

Por aquelle fim morno de dia, elle tinha-a afinal allí, no seu quarto de telegraphista, abrindo a janella única para a paisagem mediocre de quintaes, que o perturbava.

Ella viera com elle, num saltitar ligeiro de tacões, a gostosa nudez apenas disfarçada pela saia preta e pela blusa de sêda.

Numa sinceridade de confiança, acolhera-se na cama, ao lado d'elle, a cabeça vermelha recostada ao seu largo peito athlético que fremia. E contava-lhe histórias da vida.

— Conheces Camilla Maia? Esteve lá em casa hoje, outra vez. E' uma creatura alegre, esperta. Mas não tem cabeça, arranjou um filho. O filho foi para Tremembé. Esteve lá em casa, desde o meio-dia.

Depois reflectindo:

— E' verdade o que você me disse? Que vai para o Rio? Não, você não pode me deixar. Eu não tenho ninguem...

Debatia-se, num carinho pedinte. O peito do moço arfava. Elle vencera, afinal, de tanta esperança, a dolorosa partida. E num confuso labyrintho de sensações e raciocínios, não sabia crer.

— Eu gosto tanto de você! murmurava Alma, quasi chorosa. Não quero que você vá...

38

Vinham á cabeça de João madrigaes inúteis. Êlle não sabia tel-a alli, como um bom macho. Rimava obscuramente o seu amor triumphal. E ella, na sua cabeça tonta de ouro ruivo, ia pensando que faria com êlle a burrada definitiva. Êlle era bom e não a deixaria nunca mais.

Um sentimento recuado para as reservas mais longinquas do seu sêr de menina, vinha enternecer-lhe os gestos leves. Ella enroscava-se tôda no homem forte e bom.

— Você conhece aquelle?

Alma levantou a cabeça surpresa, olhou: João mostrava a photographia arrancada do livro que se suspendia a um prego, na parede sôbre o leito.

— E' Baudelaire.

— Seu amigo?

— Não. Um poeta. Um grande poeta...

— Parece um padre.

— Você sabe francez?

— Um pouco.

Êlle ficou numa lástima vexada, certo de que um soneto de Baudelaire, cantado pela sua voz cava, resolveria, melhor que tudo, a hora tentadora.

Ella estava alli, ella, ao seu lado, no seu quarto. E como parecia differente dêsse mesmo sêr, que o

obsecava a ponto de acompanhá-lo em tôdas as silhuetas esbeltas, que passavam nas ruas agitadas. Era ella, a que êlle sonhava ter deante do club aquático, numa incontida vaidade de noivo gigolô, por um occaso sôbre a Ponte Grande, quando o sol líquido nadasse, ao rythmo de um barco que os seus braços levariam...

— Car j'eusse avec ferveur baisé ton noble corps...

Ficara quieto, esperando. Ella perguntou-lhe com olhos cortantes, se estava caçoando.

— Ora essa! que idéa...

Uma frieza passara entre os dois corpos. Alma deu um pulo do leito, voltou-se para um canto, subiu a sêda frouxa das meias.

— Preciso ir, vamos?

Êlle refizera-se todo já prompto, cavalheiresco e sólido, disposto a acompanhá-la, a obedecê-la, a morrer por ella.

E foram em silêncio, baudelairianamente, pelas ruas geladas.

O velho Lucas queria liquidar o seu antigo débito hypothecário da Lapa.

Os homens da Companhia de Desenvolvimento tomar-lhe-iam as duas casinhas que lhe rendiam a vida.

Tirou do guarda-roupa um velho fraque, vestiu-o. Estava com as mangas curtas, teve a impressão de que crescera. E ficou alli, sem ânimo de sahir, festivamente vestido.

Pela manhã, vinha-lhe aquella aguaceira áspera, amarga e inútil à bôcca salivosa.

O avô não desconfiava de nada. Se pudesse dormir sempre, sempre. Mas o somno fugia-lhe num galope como a vida. Fazia immensas madrugadas nullas. E uma suave angústia tinha-se lentamente obstinado no seu antigo peito calmo.

Alma gelava-se tôda ao imaginar que êlle viria, mais dia menos dia, a saber.

O pretexto de encontrar-se com Mauro a tinha salvo até alli. Mas o caften havia de deixá-la também.

Foi numa loucura, que ella começou a autorizar o telegrapha-ista a definitivos compromissos. Agora, todas as noites, era elle, como Mauro antigamente, quem passava a horas certas. Fiel, humilde, como quem nada espera e nada merece, falhava só nos dias de plantão.

O moleque, espionando do balcão, dizia à ruiva cabeça inquieta que o Carlito estava na venda da esquina.

De modo a ser um irreprimível sorriso a saudação de início, quando ella descia.

Punham-se a falar de tudo. A vizinhança não notava mais, como outrora. Forçada a todos os cynismos, Alma soubera penetrar em casa da mulher de frente, do lojista, da vizinha do sobrado. Resistia-lhe, ao lado, um funccionário magro, de bigodes baixos que se chamava Quincas e tinha encardidas filhas curiosas.

— Sabes? Camilla deixou o Mattos...

— Elle não era correcto?

— Correctíssimo. Não há homem como aquelle! Mas a paixão d'ella agora são os meninos do Mackenzie. Está farta das roupas e das jóias que o Mattos lhe deu...

João sentiu um vexame de não lhe poder offe-

recer também aquillo. Se ella quizesse comprehender-lhe o thesouro de amor. Esse era seu, fôra sempre seu...

Perguntou-lhe despeitadamente por Mauro que deixara de apparecer. Se não voltasse nunca mais... se morresse...

João palpitava de profundas esperanças. Oh! Se fôsse possivel tel-a afinal só para elle, mesmo assim, prostituida, desmoralisada, vendida á cidade...

Ao encontro dos seus inconfessados desejos, ella veiu uma noite, timida, suave, transfigurada.

A sua vida não tinha sido como diziam: ella não era a debochada que pensavam.

Na sombra tropical, sob o pêso lascivo dos jasmins, rescendia-lhe o corpo claro a Yvonette.

E o coração do homem bom badalava que sim, que ella não era a debochada que queriam: era santa, era santa, era santa!

Foi assim que João veiu a saber a relação romantizada do dia a dia pobre d'aquella vida, que devia ter sido salva pelos seus braços musculosos.

Elle tinha acompanhado de presentimentos inertes o demorado martyrio.

E porque não interviera antes, não gritara à policia, aos que passavam, à vigilante inquisição terrena? Porque?

Entanto, Mauro apparecia, naquelle romance, santificado. Nem uma queixa raivosa contra elle, nem uma dôr maguada contra os seus processos terrificantes, nem um insulto.

Uma vez, exigiu que ella dissesse mal d'elle.

E Alma recusou-se, estagnada, no jardim.

Elle partiu, gesticulante, pelas ruas do bairro. Passou, de novo, meia-hora depois. Ella havia ficado sentada aos degraus da entrada, pensando. Quando percebeu a silhueta longa, sob o chapéu de palha, correu nos tacões, gritou. Elle veiu. Ella estava disposta a dizer todo o mal insincero de Mauro, para que a salvassem da final cólera do velho... Mas o passeio, o ar da noite, o tropel das reflexões e o amor

o tinham dissuadido suavemente. Elle não pediu mais nada. Ficaram até tarde amorosamente se perdoando.

Alma tomou nas duas mãos, que tinha grudadas ás grades, a resolução sobrehumana de explicar-lhe tudo. E elle não comprehendia, embevecido no idylio em que se lhe apodrecia beneficamente a vida.

Como ella lhe tivesse telephonado para o emprego, interpelou-a chegando. Alma sorria numa malicia visivel e triste.

Elle ficou suppondo que se tratasse de uma reapparição intempestiva de Mauro, de um retorno amoroso ao velho par.

Mas, súbito, a um gesto largado e proposital d'ella, percebeu o ventre saltar, como uma cobra que morde, na roda frouxa do vestido. Uma suspeita enlouqueceu-o. Seria possivel... elle andava tão longe!

Interrogou-a empallidecido como um morto que falasse. Ella permaneceu linda e quieta, de cilios baixados.

Era verdade! Alma estava grávida, agora que o amava, que era o seu futuro, quasi que a sua noiva redimida! Estava grávida de outro.

Tão visível fôra a expressão de horror na máscara do moço namorado, que Alma, de alvas escancaradas, falou num salvador instincto:

— Sei que sou indigna do teu amor. Sou uma infame.

Êlle partira sem dizer nada. Fôra andando. Ella ficara presa ao portão, numa resignada e trêmula angustia. Sorria da sua negra sorte invencida.

Êlle caminhava sôbre as ruinas do seu sonho desfeito. Todos os seus gestos eram desencontrados e pediam piedade para o alto. Oh! a idéa fixa de jogar um dramalhão definitivo — matal-a e matar-se, encher de sangue os jornaes!

42

Recapitulou tudo pela noite ahasvérica. Deitou-se ás três horas raciocinando sempre, de olhos enormes. Chegara á porta infernal de um dilemma: o amor perdoa tudo, resgata tudo — elle não podia perdoar.

E cahiu ao leito antigo e duro, até o sol vir espancar o pesadelo da terra.

Dagoberto Lessa fechara com elle camaradagem diária.

Andavam ao léu pela cidade, ou paravam no escuro ambiente das cervejarias do centro.

Uma noite, João do Carmo penetrou, sob a capa de borracha inundada de chuva, na casa que o outro habitava, com a familia numerosa, 46 Rua Monsenhor Anacleto.

Resolvera contar-lhe tudo, pedir-lhe conselho, direcção, auxilio, salvamento.

Num pijama de listas, o calvo ria-se muito de o ver assim, naquella primeira visita, vindo nervosamente a pé, sob o aguaceiro que lavava as ruas.

João atirou a capa encharcada ao chão. Sentou-se e desabafou.

Do quarto vizinho, a liturgia da casa vinha num vago trá-lá-lá de adormecer.

O apaixonado falou, falou, até despejar a alma entumescida de segrêdo. E perguntava repetidamente, de olhos fixos, se ainda devia crer na honestidade della.

O outro distraíra-se, pensando. De repente. abriu uma caixa que se dissimulava entre livros e tirando um caderno branco:

— Vou corresponder à tua confiança.

Tinha um aspecto de revelação. Numa cautela, abriu um maço de páginas escriptas, accendeu um cigarro:

— E' uma corôa de lembranças tecidas no aniversário de um primeiro beijo...

E, de olhos medrosos para a porta interior, leu soturnamente, evocando uma luta, uma resistência, uma cabelleira virginal e um vestido branco.

Não queria ir. Mas cedeu.

Foram passar juntos o dia 13 de Maio, em Santos. Dagoberto recitou versos, depois do almôço, na praia de sol.

O comboio sahiu lentamente da penumbra da gare. João do Carmo fechou a vidraça e atirou-se ao lado do companheiro no sofá do carro.

Deixavam Santos pela extensa chapa de vegetação rasteira, que a circumda. Passaram o pântano tropical e a ponte de ferro sôbre a água côr de aço. E o trem abalou em demanda da serra, que se calafetava de neblina no fim da tarde de outomno.

João tocava, no fundo de um bôlso, o lencinho rendado de Alma, em que, na véspera, ella puzera o grande beijo mudo da despedida. E apertava-o na mão segurando nelle a dádiva inteira do ser estremecido.

Tinha regressado ao portão e sentira que uma espécie de compromisso occulto, de trevoso noivado, desafiara e vencera o enxovalhamento máximo. Agora, tudo predizia a alliança immortal dos dois desgraçados destinos.

Sim, elle podia crer no amor definitivo de Alma. Ella tivera duas lágrimas silentes ao vêl-o voltar. E na véspera, naquelle ermo da rua, ao contar que ia a Santos, a sua angústia nervosa crescera de ver os bellos olhos verdes e magoados dizerem a tristeza indizível das separações.

O trem parou em Piassaguéra. E, mais lento manobrou para apanhar a engrenagem da rude escalada. Na noite que baixava, envolvendo a natureza, olhos claros de locomotiva focavam trechos de chão, sob os limpa-trilhos negros, de onde sahiam até perder-se no escuro as fitas afiadas dos rails. E, de longe em longe, succediam-se as luzes baças dos signaes.

Um barulho rascante de rodas começou, ao mesmo tempo que o trem era levantado molemente na primeira ladeira da serra.

Alma contara-lhe apprehensiva que tinha notado uma accentuação de mau humor no velho. Que iria succeder? Era impossível casarem-se logo. João afastava essa idéa para um futuro longínquo, como as grandes redempções dos últimos actos. E o avô? Havia de saber mesmo a verdade inteira. Mas a possibilidade de precipitar-se a catástrophe de uma expulsão era visível.

As rodas cantavam, levando o trem montanha acima. Ás vezes, havia uma imprevista parada na

noite avassalante. E ficavam alli os passageiros, sentindo subitamente morta a gigantesca engrenagem. Mas um outro troço de vagões illuminados passava no sentido contrário. E recomeçava a lenta viagem.

Alma amava-o, sim. A noticia da separação ligeira de um dia tivera como illustração deliciosa a reconciliação truncada pelo sentimento do abandono. Agora, quando chegasse, ainda passaria por lá.

De novo o trem parou ao lado de uma usina calida sob a linha. O fôlego robusto de um respiradouro soprou, fazendo montar na treva golfadas brancas de fumaça. E, de novo, o comboio moveu-se.

Passaram a noite dupla dos tunneis. E as primeiras luzes do Alto da Serra annunciaram-se com a mudança favorável de nivel. Passageiros levantavam-se, falando em jantar. Ao lado de João, Dagoberto olhava-o, dizendo:

— Que silêncio!

Um asco voltava no entanto, fundo, avassalador, horrivel. João queria ainda repellil-a, desres-

ponsabilizar-se d'aquillo tudo, fugir. Mas ao vêl-a nas noites prolongadas do portão, chorosa e entregue, o seu triste coração centuplicava-lhe os perdidos gestos.

O avô mudara lentamente, num prenúncio de crise tétrica.

Esperava a entrada das estações num incontido nervoso.

A Companhia de Desenvolvimento annunciou-lhe, numa bella carta escripta a máquina, que não reformaria a hypotheca vencida. O cãozinho pelludo quasi perdera a vista.

Passou a fumar decuplicadamente, em silêncio. Se fôsse possivel embriagar-se ou então morrer, acabar! Pensou uma noite em atirar-se da Ponte-Grande. A neta, havia de ir buscar o seu velho cadáver, encalhado numa margem do Tieté... E os jornaes falariam bem d'ella.

Mauro, depois de uma escandalosa briga de cabaré, fôra denunciado à policia.

E João do Carmo anciava pelo desenlace esperado do drama lancinante de seu sonho.

Uma noite, Alma evocou-o numa suave lembrança. Então, num despeito, João mentiu que elle fôra preso.

Ella teve um repentino espanto. Depois, deixou as grades e um choro rebentou-lhe pelo olhos, pela bocca, pelo nariz. Buscou um lenço nervosamente na abertura clara dos seios. E ficou soluçando baixo entre os canteiros.

João estacara numa surpresa desolada e muda. Conversaram ainda, quasi hostis, numa ternura que soava falso e vasio.

E o telegraphista foi visitar de novo os cem caminhos doloridos da cidade.

O velho ficou à espera da neta no paletó remendado, até dez e meia d'aquella noite, sem se deitar.

Presentia lá fóra o idyllio. Não iria desmanchál-o, recordando um insulto, que levara no rosto, do outro: o maldito, o casado, o aranha vermelha.

Aquella casa que ainda palpitava das recordações da esposa santificada pela morte, aquella casa fôra o theatro da sua revoltante deshonra. Alma era indigna do seu obstinado amor. Antes a tivesse abandonado à gula ricaça de Anthero d'Alvellos.

A porta da entrada rangeu. Alma penetrara num vento subtil. Percebeu surprehendida, que estavam accesas as luzes. Ouvira um arrastar pecipitado de chinellas. Estagnara geladamente na passadeira do corredor. O espectro doméstico appareceu. Chamou-a sem voz. A cabeça tremia-lhe incontidamente. Apertava um cigarrro apagado na mão.

Alma tinha os olhos redondos, a bôcca immóvel. Uma inexprimivel tortura suffocava-a, no vestido humilde e antigo.

O velho descobrira de-certo tudo. E ia falar-lhe, dizer-lhe o crime horrendo, o crime de ter um filhinho. Porque o seu passado torpe desapparecera: a prostituição, o abôrto, a vida canalha entre braços desconhecidos que pagavam. O crime era ser solteira e deixar viver no seu âmago a scentelha humana, e defendêl-a, e amál-a.

— Vá para a rua! Procure caminho! Esta casa

é minha, sempre foi minha. Faça a sua mala e desappareça! A casa é minha!

Então, do peito que se opprimira espedaçado, saltou a innocência de tanta miseria. Ella era uma coitada que ninguem soubera defender. O que lhe acontecera era o resultado do seu desamparo. As filhas que não têm mãe nem pae são assim mesmo.

O velho quiz discutir, gritar. Mas como ella continuasse, ficou escutando. Baixou a cabeça ante a eloquência imprevista que pulava aos golfões da bocca trêmula e rubra. Terminara. Houve um silencio. E ella disse ainda que não sahia porque não tinha dinheiro e não tinha onde dormir.

Do ser convulso as lagrimas saltaram naquella confissão de desgraça. O velho desnorteara-se choroso. Talvez devesse perdoar. Ficou andando para cá e para lá, envenenando-se de fumo e de lagrimas grossas, emquanto ella foi sentidamente se deitar.

Sahira pelas ruas, obedecendo o anáthema da vespera. A manhã era toda cinza no ar, no céu, na gente.

Chegou à estação da Luz. Teve uma vaga repulsa em pensar que podia encontrar a figura importuna do telegraphista. Queria estar só, com a sua tragédia estalada.

No Jardim Público aberto, a natureza, despenteada e matinal, arfava ao vento. Atravessou-o em recta; sahiu. Encaminhou-se por esquinas populosas e pobres. Estava no Bom Retiro. Desceria até lá em baixo, até as várzeas finaes da cidade. Levava, no seu bôjo crescido, o filhinho que vivia, que seria seu amigo.

Bondes passavam pejados de populares, garôtos brincavam em bandos maltrapilhos, carroças iam lentamente.

Chegara a uma rua sem calçamento que se perdia no campo. Penetrou numa estrada terrosa aberta na relva pisada. Em sua frente, desenhou-se a sinuosidade do terreno onde corria o Tieté. Num pôrto quieto, carroças recolhiam areia. E o rio appareceu de vidro, à flor das margens calvas.

Vaccas paravam, na distância. Um cãozinho ladrou.

A cidade mudara de silhueta. Um vento ríspido aggrediu-a. O grande Jesús da tôrre tutelar do Sagrado Coração dava-lhe as costas. Pensou va-

gamente em se matar, por vingança, em apparecer boiando nas águas glaciaes, como uma Ophelia de gravura.

As carroças enchiam-se lentamente de areia peneirada. O quadro simples de rude trabalho attrahiu-a. Teve uma vontade de viver assim, entre animaes soltos e gente descalça.

Um cheiro malsão, vindo da embocadura dos exgottos cidadinos, persistia.

Voltou. Refez o caminho andado. Não iria mais para casa. Uma mão persuasiva afastava-a do refúgio antigo, como uma condemnação, pelos hombros. Não tornaria mais. Alcançou as ruas populosas. Estava perto do Jardim.

E, de repente, sôbre um immenso muro vermelho, desenhou-se, na pallidez do dia, uma silhueta lépida de soldado. Trazia uma carabina a tiracollo e andava para cá e para lá. Logo, além, na continuidade intérmina do muro, outro soldado appareceu como o primeiro, caminhando também, vigilante e sólido. Eram os fundos da cadeia da Luz.

Aquelles dois soldados renovavam-se alli, dia e noite, para atirar, implacavelmente, sôbre os condemnados que quizessem fugir.

Tomou depressa um bonde que passava para a cidade. E partiu á procura do bordel onde Mauro decerto estaria dormindo com aquella viciada da Marguerite.

Elle fê-la entrar no quarto elegante em que morava, sôbre o tumulto de um restaurante nocturno na Rua Conselheiro Chrispiniano.

A claridade fechada, ella viu sôbre o leito exiguo, recoberto por uma colcha felpuda e multicor, um cão cinzento e enorme, estirado nas duas patas tranquillas. O animal, sem erguer a cabeça, balançou a cauda contente.

Mauro foi acariciar-lhe a pelle luzida e grossa.

Ella examinou retratos semi-nús de mulheres, em leque, sôbre o leito. Sentada a um canto, os seus olhos esfomeados pediam. Elle deu-lhe duas pratas para ir almoçar.

Passaram o dia juntos, fazendo malas. Elle partia na manhã vindoura para a casa de um tio materno em Guaratinguetá. E, para dormirem, tomou um outro quarto da casa de cômmodos mobilados.

Havia apenas uma lâmpada perdida num desmesurado abat-jour. O quarto atufava-se de estofos, de móveis, de pequenos nadas subtis e amáveis. Sôbre o penteador de três espêlhos, fazia parada todo um arsenal de mystificações da belleza. Ella apreciou, num vago deslumbramento, as escovinhas para maquillages, de diversos tamanhos, os pentes recurvos, os cosméticos de tôdas as côres, os boiões de perfume de todos os estylos, as crêmes, os aparadores complicados das unhas.

— Nada disso presta, commentou Mauro dei-

tado, em cuecas de sêda. Só há de bom artigo alemão. E, durante a guerra, não vem.

Êle conservava o seu prestígio integral de bello macho, feito na intimidade das prostituições.

E Alma, vendo-o tranquillo, forte, como se nenhuma sombra pesasse sôbre os seus dias, ficou accordada, pensando.

Uma pendulazinha occulta palpitava na sombra. Os seus olhos haviam-se habituado ao escuro. Ella percebia a dobra longa das cortinas, as portas talvez. Claridades estylizavam-se pouco a pouco.

Vinham do interior da casa risos macabros. Eram os freguezes que chegavam e partiam. O relogiozinho pulsava, regular, impressionante, como uma voz de outro mundo. A noite andava lá fóra de muletas.

Um braço ficara preso sob a cabeça pesada de Mauro e doía-lhe. Que bom correrem as horas! A terra andava levando o enterro dos vivos. O enterro começava no dia do nascimento de cada um. Um dia vencido era um passo para a morte, para a libertação.

Entravam num tropel, lá dentro, os retardatários.

E a noite andava de muletas e olhos fechados.

Acompanhou-o, risonhamente, até a gare, pelas ruas. Um carregador seguia-os. O trem partiu, levando-o num sobretudo cintado de sport.

Rodava agora, feliz e sem destino. Penetrou no Jardim Público. Nos canteiros matinaes, florescia tôda uma natureza postiça e nova: rosas de bazar, margaridas de panno.

Uma noite mal dormida descabellava as árvores. Havia lampeões altos, semi-accesos. Uma fonte de inexpressivos tritões pingava água, rusticamente.

Sentou-se a um banco e ficou pensando no telegraphista, no filho que pulava lá dentro, e em Camilla que puzera para fóra, num hospital, a sua última asneira.

João do Carmo, num velho pijama descorado, pensou que era sonho. Fê-la entrar, como Rodolpho

na Bohemia, como quem mais? Procurava inutilmente, na cabeça litteraria, comparações, quadros lyricos idênticos, estados d'alma irmãos. Como estava magra sob o chapéu de tafetá!

Partiu num desvanecido anceio, voou sem rumo certo, para servil-a, para salval-a. Era preciso arranjar um quarto onde ella morasse. Fôra expulsa por sua causa. Era urgente, era urgente!

Lembrou-se de correr á delegacia de São Caetano, alli mesmo, onde Dagoberto Lessa trabalhava. Era elle o homem capaz de indicar-lhe o necessario ninho. Penetrou. Uma alegria commovida prendia-lhe o peito forte.

Dagoberto ouviu-o. Depois, uma gargalhada sarcastica estalou na sala occupada de mesinhas desertas. O calvo havia aberto um livro enorme e preto de assentamentos. Ia continuar o serviço. E repetia:

— Você está louco, homem! Louco furioso! Dou já parte á autoridade.

Mas João insistia, numa cara soffredora e energica.

— E' um caso em que ponho a minha honra de homem...

— Qual honra, nada! Bota o gado numa pensão e fica sendo o gigolô!

O namorado gritou rubramente:

— Não admitto torpezas! Não admitto!

Ia sahir. O outro chamou-o, medroso.

— Bom! Não precisa se zangar. Mas ouça o que lhe digo. Você se arrepende dêsse passo, seu João!

E levantando-se e buscando a farta capa hespanhola num prego:

— Estou às suas ordens. Vamos. Não se discute.

João do Carmo, desarmado, procurava desculpar-se para com o serviçal, que exaggerava, desarticulado em gestos ponteagudos:

— Não se discute! Não-se-dis-cu-te.

Sem outro assumpto, o apaixonado foi dizendo pela rua populosa:

— Trata-se de um caso triste. Você sabe...

Reconciliaram-se na caminhada para a Luz.

Dagoberto envaidecia-se de aventuras, ante a

benevolência exaltada de João. Conhecia uma mulher óptima para o caso. Fôra até parteira.

— De quantos mezes? indagou.

— Que mezes?

— De quantos mezes ella está?

— Não sei. Não perguntei.

Dagoberto continuou o elogio das virtudes da mulher:

— D. Genoveva é um anjo que usa chinó.

Tinham tomado um bonde do Bom Retiro. Apearam na Rua Aymorés. Bateram a uma casa baixa de porta e janella. Houve um arrastar de pés vagorosos, lá dentro. E D. Genoveva abriu.

Foi uma festa. João sorria satisfeito. A mulher tinha um quarto desalugado. Havia brigado com o casal que morava n'elle e o homem — um porquêra! — sahira espalhando que lá era casa de rende-vú. Por isso não acceitava mais mulheres. Olhassem aquelle socêgo. Na sala da frente, morava o Seu Julinho, da Secretaria da Fazenda; no primeiro quarto um capitão da policia. E ella costurava.

Mas a intervenção de Dagoberto foi convincente. Era um caso diverso. A menina estaria alli só durante a gravidez.

A mulher piscou e riu com dentes de velho marfim. Depois, pediu que lhe adeantassem dois mezes de aluguel.

Um navio destaca-se do caes... a vida. Um navio destaca-se do caes...

Na manhã indecisa, D. Genoveva bateu à porta do quarto. Trazia, n'uma bandeja de reclamo, o café differente e fatias cortadas de pão. Uma touca de rendas recobria-lhe a cabeça curva.

Combinaram mandar um carregador buscar as roupas que haviam ficado no refúgio distante do avô, na Rua dos Clérigos.

O sol banhava numa festa o sobrado pobre

do velho Lucas, crystalizando os vidros, pondo trêmulas irisações nos canteiros da frente.

O carregador appareceu às dez horas.

A cozinheira gorda que fôra ao quarto tinha voltado, dizendo pela casa:

— Hum! Hum! Sinhô tá ruim. Eu hoje sonhei cum sapato. Vaê vê...

Foi à porta attender.

— Que roupa nada! O véio tá morreno. Bastião, oia, vae com esse home buscá sinhazinha. Diga pr'ella que o véio não dura nem esta noite.

De facto, a vizinhança invadiu a casa entragicada pela annunciação da morte.

A mulher roliça que fazia trou-trou e vendia roupas, offereceu-se prestimosa e sorridente. Appareceu o Seu Quincas do lado, erecto e hirto, glória de irmandades e repartições. Cumprimentara o doente durante vinte annos.

O velho tivera um colapso. Deitado, a barba crescida no rosto côr de terra, fazia uma dobra no pequeno leito desconjunctado.

Chamaram um médico moço. Elle chegou à tarde e disse rapidamente, na sala de jantar, aos circumstantes, que era do coração, — um caso perdido.

Seu Quincas esperava ficar só. Quando a mulher gorda partiu, fez o moleque sahir e exortou o moribundo a tomar as últimas resoluções.

O desgraçado tinha os olhos humildes e grandes nos lenções sujos. Estava em camisa, no paletot azul. Teve uma crise ao saber que morria. A voz encanudou-se-lhe na bocca sem dentes.

E, tétrico e solemne, pediu ao outro, impávido e sombrio, a vela com que se transpõem as eternidades.

O sobrado pallido passou, por tabellião, solennemente, no alvoroço do bairro, para o patrimô-

nio da Sociedade Defensora e Benemerente dos Empregados Públicos.

Seu Quincas, que trouxera a Sabedoria ao fundo da rua pacata, consumou tudo. O agonizante não podia mais mexer-se. Pregado ao leito pela inércia branca que lentamente lhe tomara os membros, olhava num começado delírio. Perguntou enroladamente pela netinha.

Numa transmutação, a côr verde e doentia de tudo fixou-se, ganhou a paizagem larga e escura que se despejava do quarto.

A Amazônia dormia sob um calor de naufrágio. Em redor d'êlle, o rio cantava e a floresta e o vento, povoando o silêncio de fogo.

Havia parado trinta e sete annos á beira da caudal fabulizante, onde nas noites o luar residia, laminando as águas puras dos igarapés. Idália vinha de Belém do Pará, êlle subira de Goyaz.

Alma crescera órphã, numa semi-nudez de pequena Ariel propícia, pelas mattas immóveis e incendiadas. E, com êlle, nadava nas madrugadas diluvianas do rio solitário. Jacarés lodosos e sucurys tentaculares vinham no rôlo amarello das águas.

Na sombra do leito, o corpo vencido iniciava a desorganisação final, antes de ir purificar-se no filtro immenso da terra. Pelos caminhos escleróticos

das veias, o sangue impotente coalhava-se.

Uma ânsia de commodidade e de repouso movimentava-lhe os estertores. Pediu a vela num ruído da bôcca afflicta. Queria transpôr, de círio symbólico em punho, a porta das eternidades.

Appareceu sorrateiramente um padre gordo. O quarto ficou uma capella de rogos.

A glacialidade do fim estacou-lhe para sempre as canellas magras e juntas. Bastião urrou à porta um chôro bárbaro que pôz calafrios de ódio na impassibilidade de Seu Quincas.

E trouxeram-lhe a vela afinal, uma grande vela accesa e direita.

Alma não acreditara. E appareceu no chapéu de tafetá, para ver o corpo no caixão preto, ante o espevitamento sensacional da rua.

Os seus olhos eram dois lagos verdes. Tinha o gesto apalermado, os passos hesitantes.

Num espectáculo mudo de soffrimento, caiu a uma cadeira do corredor, sem coragem de entrar, e teve uma crise recurva de lágrimas.

Em redor, havia um mutismo choroso. Levantaram-na pelos hombros, levaram-na para a sala de jantar, em silêncio.

Mas, súbito, ergueu-se supplicante, suffocada.

— Quero ver meu avô.

Foram com ella. Um cheiro de flores e de cera espalhava-se entre gente.

Na meia-luz da câmara mortuária, os seus olhos inundados buscaram o caixão cheio de dhálias vermelhas. Quedou-se alli, segura por braços compassivos. Mas, de repente, agitou-se, estremeceu e pediu meigamente ao vovô que falasse... para perdoal-a...

Arrastaram-n'a para um sofá. E ella continuou aos brados sonoros, numa declamação rogatória, a supplicar.

Mas um padre chegou. Era outro — frio, metállico, magro e impassivel. Levou-a para dentro intimativamente.

Haviam-lhe tirado tudo. Deixaram-na transportar a roupa, a boneca quebrada, a cama sem lençóes.

Ella sabia que não se pode parar com a mão a roda gigante do destino.

Mas, dentro della, estuava uma compensação de mocidade farta. Nas suas lágrimas, havia sorrisos de saúde. Foi-se esquecendo de tudo, pelas ruas, sob o céu azul e benéfico, até a casa de D. Genoveva.

Um moço passou por ella namorando. Atraz, uma carroça levava victoriosamente a sua fortuna.

Houve um pequeno guignol na missa de 7.º dia.

Trouxera o cãozinho pelludo. A cozinheira levara o moleque, cestas e panellas.

D. Genoveva soffria da aorta e, pedalando a machina de costura, ao seu lado, na sala, queixava-se.

O capitão sahia sempre num faiscar de galões. E seu Julinho, grosso e baixote, enternecia o am-

biente com os seus olhos de homem batido e as cordas soluçantes do seu pinho. Ante a miraculosa apparição, fulva e fina, na casa enegrecida, redobrara a sua intuição de poesia das coisas. Agora, do quarto da frente vinham nas manhas, sons bambos, sons quentes, sons inquietos.

Calava-se o violão dorido. Seu Julinho partia para a Secretaria, onde era contínuo. Ia jantar com pinga, num restaurante baixo da Rua Formosa.

E nas noites estrelladas lá em cima, quando o telegraphista vinha para o casto noivado com Maria Magdalena, na sala atravancada de roupinhas auguraes, o violão dizia a dôr e o milagre e a ardência d'aquella pobre gente, naquella pobre rua.

O ventre augmentava. Lá dentro a vida creada pulava, num trapézio inquieto. E a sua carnação aleitara-se, ameigara-se o seu trágico sorriso: num reconhecimento os seus olhos eram da côr sentimental da esperança.

O telegraphista não gostava que ella lhe falasse da creança que ia nascer. Amuava-se num ciume

instinctivo. Ella comprehendia, desviava o curso das idéas, curava-o.

Passou a vender serviços de costura. O telegraphista pagava dedicadamente o quarto.

Por um cahir violento de tarde, ella sentiu, com a vista escura, as primeiras dôres.

João do Carmo avisado, accorreu, desesperou-se e partiu para não escutar nem saber. No trabalho nocturno, tinha ouvidos longe, na casa, onde o drama da creação se passava entre cobertas, ajudado pela paciente experiência de D. Genoveva.

— Aaaaaaa! Aaaaaaaaaaaaa!

Na penumbra amarella de lamparina, o canto materno resoou, bateu as paredes altas, ecoou.

A mulher de festivo chinó, com os dentes para fóra da bôcca, tinha preparado tudo. E disse:

— E' agora. Fôrça, minha filha! Coragem!

Alma suava na geladeira dos lençóes. Tinha a cabeça vermelha virada, a bôcca entre-aberta, os olhos rôxos.

— Aaaaa! Aaaaaaaaaaaa!

E lá no âmago, no profundo do corpo, junto ás costas, arrancavam-lhe ossos vivos.

— Fôrça! Faça fôrça!

Puxavam-lhe os rins, esticavam-lhe a columna vertebral, estraçalhavam-lhe as cadeiras, implacavelmente.

— Tenha paciência...

E a mulher de mão velludosa, passou o óleo bento que trouxera, pela montanha empedernida e alva.

Pouco a pouco, a dôr se foi amortecendo, entrando. E ella sentiu a consoladora vontade de avistar o ser martyrizante que ia vir. Ia nascer o seu filhinho...

—Aaa! Aaaaa! Aaaaaaaaaaaaa!

A dôr cresceu de novo, avassalou a natureza que creava... Era a dôr decisiva, inevitavel, firme, sem respiração, sem descanço, sem trégua.

— Faça fôrça! Faça fôrça!

Alma estagnara, as pernas em tesoura, num

ímpeto indizível, têso, de tôdas as suas vontades dispersas. Queria afrouxar como nos intervallos anteriores, parar: não podia... Uma imperativa energia macerava-lhe as entranhas numa concentração violenta de caminhos abertos.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaa!

O canto materno cresceu pelas paredes acima, em busca do céu nocturno.

— Se-nho-ra-do-par-to! Fa-zei com que êlle nasça...

Os ganchos lá de dentro, como os da flor symbólica de Jerusalém, se haviam desgarrado um a um, estalando os ossos e as carnes. A dôr inundava-a. A mulher curvara-se angiosa. Houve um choque rascante. O céu lá em cima desabou sôbre a casa, o tecto sôbre a cama...

Deus enviou depressa um anjo, trazendo como uma hóstia pequenina, nas mãos de luz, a alma nova, a vontade nova, a alegria nova.

Escutou-se um êco de bolsa aquosa que rebenta. Um chumaço ensopado de cabellos escureceu sob a montanha branca. E uma figurinha convulsa, numa suffocação congestionada, lançou o primeiro grito terrível da vida.

Era homem. E trazia a estrangular-lhe o pescoço aplásmico, a fita umbélical dos malsinados.

Mas gritava, querendo tomar conta do presídio do quarto, do presídio do mundo.

A mãe, rasgada pelo meio, entre lágrimas ouviu o imperativo chôro. E sorriu indizivelmente na sombra, onde grandes asas estacavam.

Diante do pequenino sêr, magricela, cabeçudo e de lábios expressivos, cegado ainda pelo fulgor das eternidades anteriores, Alma viu congelar-se-lhe no peito um sentido rancor para com todos os homens.

Mas pôs-se a escutar enfraquecida. E, de repente, os olhos inundaram-se-lhe. Ouvira sons lestos e vivos de bordões, numa incançável toada montante e victoriosa. No seu quarto, como os antigos pastores de Bethlém, Seu Julinho celebrava o Natal.

Vieram os reis magos trazer-lhe presentes. O capitão, luzido como um séquito, deu-lhe uma cami-

sinha branca de cambraia. Seu Julinho comprou uma grande touca de nanzuk. E o telegraphista trouxe humildemente uma medalha de Christo menino.

D. Genoveva discutira longo tempo com João do Carmo e vencera. Um berço não serviria sinão para os primeiros mezes.

Compraram uma pequenina cama a prestações num negociante da Rua Santa Ephigênia.

Quando a deixaram só, no quarto escuro e pobre, tendo ao seu lado, no leito viril, o rapaz das suas esperanças, soluçou desabaladamente.

Da sombra veio um esguicho trêmulo de choro. Ella tomou-o numa carinhosa difficuldade. Poz-lhe o seio branco na bocca invisivel. Queria amamental-o, ella mesmo, com o seu sangue materno.

Elle calara-se de bracinhos duros num casaco

de crochet azul, a touca enorme de Seu Julinho tapando-lhe os olhos.

E ficaram alli, á luz pequena da lamparina, escondidos do mundo que rodava lá fóra aos cachões.

João vinha numa tristura. Casmurrava no quarto.

A chegada intempestiva do outro, o que dormia quieto, desvalorizara-o, perdera-o.

A mãe era só inquietações e desvelos, cuidados e narrativas. O pequeno de vinte dias tinha uma vida anecdótica capaz de bibliothecas. Era intelligente, era bello, era rei.

O telegraphista forçava um interesse hypócrita, ria um riso caceteado, dizia asneiras melancólicas, numa accentuada incompetencia de amabilidades.

58

Ella um dia, percebendo, insultou-o. Elle sahiu, entontecido de angústia nova, pelas ruas hostis.

Agora que, libertada, podia ser sua, sómente sua, Alma emperrava numa santificação excessiva, irritante, da creança aplásmica, dos seus gritos mólles, dos seus olhares inertes.

De facto, ella ficava só com o seu reizinho, com o seu principe, com o seu valete de copas.

Tôdas as histórias de fadas eram verdadeiras, tôdas as maravilhas eram possiveis. Elle estava alli, na caminha viril. Ella achegava-se cautelosamente. Uma respiração flébil vinha da penumbra, de sob as cobertas. Lágrimas gratas subiam-lhe aos olhos enternecidos e bons.

E um asco augmentara pelo telegraphista. Oh! os homens! Ella conhecia-os bem! Tinha assistido, na sua crucificação, ao desfile em pêllo de todos os

exemplares. Deante della, haviam-se desabotoado, numa confissão de torpezas, professores da cidade, chefes de confrarias, zeladores de hospitaes, grandes nomes representativos da moral cidadina, da educação, da finança e da familia.

Uma salpingo-ovarite ficara vigilante no ventre dolorido — do parto mal feito, da vida sexual irregulada e criminosa. D. Genoveva accudia-lhe as crises, com toalhas ensopadas em água-fria. E indicou-lhe cascarina sagrada.

Como nesse dia, elle, o seu filho, completasse quatro mezes, quatro magros mezes, em que o esqueletinho persistia em esticar a pelle morena do tronco, e não houvesse dinheiro para comprar uma chupeta nova, ella fez fluctuar sôbre a caminha, pendente de um fio, como uma bandeira, um rico trapo vermelho.

Mas a amamentação fôra-se tornando mais e mais insufficiente. Num ridiculo heroismo, Alma rachara os seios sôbre a boquinha ávida e chorosa.

Era um drama diário e obscuro, com sangue vasado e lágrimas rolando. Consolava tudo um pequenino sorriso desdentado, no escuro do quarto.

D. Genoveva um dia interveio, fez chamar o médico grisalho que lhe dava injecções.

No quarto alvoroçado, puzeram Luquinhas nú. O exame foi minucioso, foi terrivel.

Os olhos maternos se haviam afflictivamente fixado na esmeralda sábia da mão, que corria as costellas á mostra, apalpava, sentia.

Ameaçava-o uma leucemia perigosa. O tratamento imposto transfigurou, num sobresalto, a casa pacata da Rua Aymorés.

João do Carmo não foi mais admittido no quarto. Permanecia horas na sala-de-jantar, onde fôra feliz durante o periodo da gravidez e soffria lancinantemente a injustiça do seu abandono.

Lá dentro, Alma empolgava-se no rigor clínico das prescripções.

Mingaus complicados, medidas eruditas de farinha, num vidro próprio com leite contado e puro, tôda uma diligente combinação de fortificantes naturaes, occupava agora a cozinha pequena e negra.

Num estonteamento ruivo, de cabellos despenteados, e numa desenvoltura de toilette que revoltava João e accendia os olhos mortos do official de policia, Alma corria pela casa, levando panellas, trazendo caldos, pondo leite a ferver. A sua belleza era esplêndida, dadivosa, naquella semi-nudez. A maternidade completara-a. No vestido leve, tinha as pernas roliças e perfeitas, as ancas curvas e cheias, os seios retesos.

Uma manhã, fez um estardalhaço lyrico de choros, de gritos, de risos.

Acompanhado pela bocca aberta da mulher baixinha, de chinó, e pelo cão antigo, ella fez entrar no quarto o telegraphista surpreso e contente de ser lembrado.

— Veja o meu barriguinha de angú!

Levantava nos braços tontos um nú roliço de carne tenra, capaz de fazer inveja ao mais gordo São João de estampa.

Inventara uma língua nova, passava horas a construí-la no tête-à-tête dos beijos com o pequenino sêr de olhos espantados.

No vocabulário angélico, a colherzinha que o salvara, despejando-lhe no bico o remédio do vidro grande, assumira enorme importância. Era uma colherzinha de D. Genoveva, oxidada pelo uso. Chamava-se a Calalá. O Baubau era o cão bôbo do avô. E a boneca velha e desengonçada, de cabellos hirsutos e olhos vesgos, que ella salvara da infância, fôra baptisada de Neca Caleluda.

Elle ia fazer dez mezes afinal. O tempo passara num espectaculo. Estava rijo como um pequeno deus. Mas a cabeça enrugava-se-lhe ás vezes, sob o pêso de tristezas obscuras. A mãe assustava-se, gritando. Elle choramigava sentidamente.

E vinha a reconciliação num dilúvio de beijos, de carinhos, de balbúcios.

Trocava-lhe os pannos molhados, continuadamente, nas noites calmas.

Queria, num descompasso de sacrificios, que elle sujasse sôbre ella, inundasse-lhe de pipi a face, a bocca... Que importava? Era o seu reizinho.

Na data natalicia do velho avô, vestiu-se elegantemente, pela primeira vez. Foi ao cemitério levar flores e, ante o túmulo raso, teve uma crise silenciosa de lágrimas. João do Carmo acompanhava-a, de fraque, na manhã paulista.

Passados os mezes de incerta e doentia existência, conquistado o primeiro anno victorioso da vida, Luquinhas levantou a cabeça e o corpo sôbre as pernas roliças. E solemne, modelar, em meio de corredor calado, deu um grito.

Fazia-lhe maroteiras á noite. Não a deixava dormir num continuo rolar de perninhas e braços e risos. Cansavam-se afinal, bons amigos. Ella deitava-o, cobria-o.

Apagava a luz. E, na sombra, cresciam e fluctuavam para os olhinhos espertos, o Hymalaia dos travesseiros maternos, a Calalá, o bico succu-

lento da mamadeira, o navio que era a cama. E de redor, todos os bichos.

O Carnaval veiu e foi. O Baubau do velho Lucas morreu latindo debaixo de um caminhão festivo que levava phantasias.

Na noite gelada de São João, depois da solennidade do baptismo, que fôra pela manhã, na Luz, com João do Carmo, grave, segurando a vela paranymphal, e D. Genoveva e o capitão luzido, Seu Julinho trouxe, para um chôro commemorativo, caras macilentas de serenatistas.

Um alvoroço estrugia na cozinha — choros, risos, gritos. Luquinhas, que já andava pelos commodos, fi-

62

zera uma travessura. Alma erguia-o num arrebatamento, como se dez mãos ávidas e espertas o quisessem prender. E raptava-o em cavalgadas ciclópicas pela casa. Sôbre a fulva cabeça que ria, êle era Rolando, era São Jorge, era o General Osório.

Depois de uma inacabada série de tombos macios, descobrira a vida, num trepidar de passinhos incertos.

Para erguer-se, punha para o alto o corpinho à mostra, depois, num esfôrço, endireitava-se. Estava em pé!

E achara o corredor, a porta, o mundo.

Agora, descobria-se a si mesmo. Verificara num pasmo que a cabeça mexia, a perninha dobrava, as mãos batiam. E tinha dedos duros, grandes, sempre molhados.

Ás vezes, estacava no corredor sôbre a velha passadeira e gritava numa verificação de ouvidos attentos. O éco rompia o encantado silêncio dos seus olhos pasmados e redondos. Numa surpreza edênica, constatara a própria voz. E ficava escutando-a.

Sumia como um rato arisco. Estava aquí, allí, desapparecia.

Iam encontrál-o trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando, no banheiro vasio, a desgrenhada Neca Cáleluda.

Na sala, D. Genoveva, de óculos, ria, pedalando a machina de costura.

Melancolias começaram, no emtanto, a baixar sôbre aquella immóvel paz.

Alma sentia nervos. Batia em Luquinhas que, com a dentição, tinha impertinências e raivas. Fal-

63

tava-lhe a alegria physiológica, que dá o amor physiológico. Aborrecia-a, nas longas horas semanaes, aquelle obstinado romantismo, sem último acto, do seu melancólico "pequeno".

Luquinhas começou a comer e a falar. Por manhãs inteiras, lambusava-se de pão molhado numa grande caneca de café com leite.

Mãe e filho passavam as tardes na horta exígua dos fundos.

Na magoada visita d'aquella noite, Alma pediu a João do Carmo que não voltasse mais. Para

viver, bastava-lhe a costura que tinha, com D. Genoveva.

Êlle sahiu, chocado d'aquella ingratidão. No profundo íntimo, promettia a si mesmo desfôrras sensacionaes do destino.

Mas, deixando a creança com D. Genoveva, appareceu, na tarde seguinte, no desbotado quarto da Avenida Tiradentes. E numa inesperada reconciliação, o amor perdido voltou, casto ainda, mas forte, ululante.

Quasi noite, êlle a conduziu pelas escadas longas, até a porta. Voltou.

Sentou-se e observou fixamente dois grampos retorcidos de ferro, que havia erguido do chão.

E recordou, numa impressão physica que lhe repuxava ainda os lábios grossos de creança, o beijo que ella lhe deixara ao sahir, tôda lilaz e oiro, num vestido curto. Recusara-se ainda, em prolongada queixa infantil, a ser a amante prevista, fatalizada, conquistada. E dissera que se havia de casar, pois

estava mostrando que não era tão ruim como pensavam.

— Viu, João? Passei pela Rua dos Clérigos. Aquella mulher que falava muito de mim, no começo, você se lembra? está desesperada. A filha fugiu de casa com um chauffeur. E eu hei de mostrar a essa gente que ainda encontro marido.

— E depois de casada?

— Serei séria.

— Amas-me?

— Amo-te.

— Queres que te arranje um maridinho?

Ella viera, aconchegando-se num súbito frio, deitara-se tôda em seu collo, confiante, calada.

Mas, fitando o velludo negro do antigo relógio de pulso, saltara afim de pentear-se deante do espêlho e collocar o turbante gracioso que comprara.

Tinham ficado olhando-se.

— Até quando? interrogara elle, fingindo-se ainda magoado pela expulsão.

— Irás ver-me... á noite?

— Irei.

— Bom que és!

E, depois, quebrando um longo silêncio de supplica:

— Quero um beijo, João.

— Não. Não seria honesto. Vaes-te casar...

Tomara-lhe as mãos finas e longas; enternecido, cobrira-as de beijos.

No fim das escadas, deixara-a ir só pelo corredor, ficara espiando-lhe os passos elegantes e sólidos. Á porta, ella tinha estacado, sorrindo, á espera. Elle fôra beijal-a na bocca e vel-a partir, tôda lilaz e oiro, no vestido curto.

E, pela avenida extensa, passavam vendedores de jornaes, annunciando tragédias, bondes chiavam nos fios electricos, recolhendo massas macambúzias de gente.

Do alto, a noite cahia numa pallidez precoce de inverno.

No longo recolhimento a que se votara para o filho, ia perdendo o antigo gôsto amargo e divino da vida. Sentia-se deselegante, sentia-se tímida. E precisava amar...

Mauro voltou-lhe como um estilete pelo coração a dentro. Se o pudesse rever! Se o pudesse ressuscitar alli, um instante, na rua nocturna, no seu antigo faiscar de cigarro, os passos americanos, a figura recurva...

Ao transpôr a porta da casa velha, numa angústia, procurou inutilmente na creança, que palrava de braços estendidos, uma ruga, um detalhe evocativo, uma graça máscula que o lembrasse.

Luquinhas tinha a cabeça grande, parecendo conter pensamentos desencontrados, desejos em garra, desesperos e phantasias.

O lábio inferior, em coração, punha-lhe uma graça feminina no rosto fechado. Era trepidante, violento e manhoso.

Teve uma trágica indigestão. A febre queimava-lhe a barriguinha e as costas. Alma, num desvairo, brigou com D. Genoveva, attribuindo a moléstia ao seu pouco cuidado.

No dia seguinte, melhorando a creança, reconciliaram-se.

Alma retesava-se de raiva e de lágrimas, ante as attitudes descansadas do telegraphista, que lhe não mostrava horizontes nem lhe decidia a vida parada. Pensou em mudar-se. Mas resolveu ficar alli mesmo, esperando que alguém viesse, que alguém surgisse.

Encontrou Camilla Maia, ao sahir do Jardim Público com Luquinhas. Estava esfusiante e alta, num vestido rico, com punhos largos de pelle, um chapéu de setim apanhando-lhe toda a cabelleira negra.

Tinha um rapaz do commercio, que a adorava e um ricaço que a vestia.

Alma sozinha, fazendo o filho dormir no quarto abafado, curvou a cabeça ruiva sôbre a grandeza inexplicável da sua desdita.

Deixou Luquinhas, o telegraphista, a casa e, refazendo as maneiras antigas e a antiga belleza, reappareceu, num halo de glória, no meio catita e dansarino onde Camilla se fazia.

Na volta longa de automóvel por Santo Amaro, o rapaz alto e solícito, de bigodes negros e curtos, que vinha ao seu lado, em frente ao outro par distrahído e amoroso, chupou-lhe os lábios succulentos. Chamava-se Arthur e disse-lhe que tinha uma garçonnière na Rua da Boa Morte, agora que não viajava.

João do Carmo não podia comprehender aquella rápida transfiguração. Presentia o estouro da sua incompleta fortuna. Ella mesmo recusava-se nervosamente a beijá-lo na despedida das visitas nocturnas, regulares e quietas.

A idéa do casamento, francamente exposta, crescera-lhe na intima passividade sentimental, apesar dos protestos da sua desfallecida covardia.

Vivia envenenado pelo fel contagioso de Dagoberto Lessa.

Na sua capa hespanhola, um ar espectante de rafeiro, o escrevente fizera-lhe entrever, sentado e calmo em sua frente, no quarto, que sabia o que se passava. Conhecia Camilla, péssima companhia... Aliás era opinião da cidade que João estava se enterrando.

Uma revolta estuou no peito do namorado, um heroismo de sentimentos invadiu-o.

— Enterrando, como? A dívida que fiz já paguei. Concorro com o quarto apenas, uma quantia pequena...

Dagoberto torcia o bico scéptico.

— Até o Lobão já me disse que você é um ingênuo em crer nessa mulher...

— Inveja de vencido.

— Disse coisas horríveis.

— Repita....

— Que ella é amante para dois mezes. Mulher conhecida pelo paiz inteiro.

— Cão!

Haviam-se calado.

Um sentimento d'aquella venenosa injuria mexia no peito de João do Carmo. Elle sentia mais que nunca que a amava. Era seu dever defendel-a, amparal-a, salval-a, dar-lhe, numa prodigiosa solidariedade, a pobre honra do seu nome.

O escrevente vendo-lhe a attitude sombria e maguada, mudara.

— O diabo é o meio em que ella viveu, um meio corrupto... O tal Mauro...

O poente na Praça da Republica fazia tela vermelha ás arvores e ás hermas escuras.

João do Carmo atravessou o jardim. Sentia precipitar-se a sua tragédia. Mais do que nunca, o amor enraizado estuava, farfalhava, subia. Era seu dever salval-a. Via num gelado terror o meio infame que a tentava de novo. As narrativas de risonhas partidas com Camilla davam-lhe minutos medonhos. O pessimismo inveterado de Dagoberto suffocava-o. Ficava aterrado ante a miserável hypothese de uma volta aos rendez-vous suppliciaes.

Jantou no tumulto differente de outro restaurante, perto do Braz.

Havia uma Estação da Luz panorâmica, na parede do fundo. E a alma multifária do bairro cantava pelas cem guelas desafinadas de um orchestrão de campainhas.

Comeu sem sentir.

Foi atravessar a noite silenciosa, rondando a rua de lampeões, sem saber se ella estava dentro da casa ou não chegara ainda.

Regressou numa extenuação, quando já os bondes pesados saíam e carroças cheias rodavam para os mercados.

Estacou. Chegara á porta do casarão de commodos. Para as bandas do Tieté, havia um começo de aurora vermelha.

Soube por Dagoberto que a portuguesita de cabaré que voltara para a companhia de Frederico Carlos Lobão, fugira de novo para o Rio. Procurou o bohemio trahido. Elle ia sahir. Estava no fim da escada. Trazia uma maleta nas mãos, debordava intenções de viajar.

Inutilizava um cigarro por tragada nervosa. Tinha a palheta enterrada nos olhos enormes.

Andaram longamente falando confidencias. Um condescendia em ser o público amável do outro, pre-

parando no soturno cérebro o que expôr também, defender e criticar.

A vida comprimia-se nas duas humanas caixas apaixonadas, onde se musicava o futuro triste, o passado horrível, o presente sem remédio. Um conforto, exigido mutuamente, enlaçava as duas almas alliadas, na lucta contra o inexplicável, na justificação commovida dos actos, na apotheose das próprias transfigurações.

Eram dois pallidos cavalleiros da Palestina dos devotamentos. O mundo, se os escutasse, erguer-lhes-ia epopéas, fal-os-ia lesgiladores e santos, dar-lhes-ia cortejos. A cidade passava por elles na tarde longa e humilde.

Frederico Carlos Lobão não se conteve mais. Levou João do Carmo ao bordel donde fugira a travêssa mulher que o perdia.

Numa sala de hotel familiar, com oleographias emmolduradas nas paredes, coristas de opereta delambiam-se em romances exaggerados com bachareis de fraque.

Um piano resoava.

A uma meza do fundo, uma briga estalou. Um moço moreno, têso e de pince-nez, largara o prato e o copo e, levantado, insultava. Disse um último palavrão e sahiu.

Uma mulher magra chorava, num lenço. As outras desolavam-se em altas vozes:

— Ora, o Maneco! O Maneco!

Quando a offendida se consolou, expandiu-se para o ambiente. Era uma mulher de sentimentos e de educação. Tinha família.

— Acalma-te, Thereza! diziam de redor.

Mas ella proseguiu, redobrando de fúria a cada conselho. Súbito, voltou-se para os dois homens tristes que se haviam sentado, pediu-lhes desculpas e pôz-se de novo a comer.

Muito branca, nas sandálias altas, Alma deixou perceber que se passava qualquer coisa de anormal, de sério, de definitivo. João quiz saber, numa volúpia de calvários.

Perguntou-lhe se conhecia o Telles Mello da Expansão Electrica... um pouco capenga... Dava-lhe uma casa...

Elle accedia, prompto a todos os holocaustos que a favorecessem. No seu intimo, exaggerava-se uma bôa vontade, onde lá dentro, no entanto, o profundo amor de sua vida se despeitava, calmo, resoluto, terrivel.

Nella, passavam clarões tristes, logo vencidos.

E elle pediu para beijar Luquinhas antes de partir.

Um cabaret chamou-o. Uma orchestra guinchava. Do tecto chinfrim, pendiam enfeites de papel verde e amarello.

Grupos de homens e mulheres bebiam e esguelavam. O cabaretier dominava o tumulto. Tinha mãos enormes e uma cara de cônego.

A música parou. Uma mulher veiu sentar-se á sua meza. Era de Lisbôa. Tinha os olhos brilhantes e os lábios rubros. Elle pediu-lhe que cantasse, depois de offerecer-lhe um licor.

— Queres que eu cante?

Deu uma viva risada e indagou:

— E que há-de ser? Uma coisa de saudades?

— Qualquer cantiga.

— Sei canções de Portugal. Ai que já lá vae um anno!

— E' bonita Lisbôa?

— Mais do que o Rio de Janeiro.

— Mais do que o Rio!

— E' sim, homem.

Depois de um silêncio, João perguntou-lhe que fazia.

— Vou amanhã ensaiar uma opereta nova. Você quer vir ao Apollo?

— Posso ir.

Ella virou o cálice, levantou-se cantarolando pela sala. Depois disse:

— Ora, o Palhares não veiu. Venho já, sim?

Alma, numa presença real, afflictiva, não o deixava.

Êlle obsecava-se pelos ambientes prostituídos. Surprehendia-se evocando-a nas silhuetas de sudário, procurando reatar nas vidas canalhas gestos seus, o futuro seu. Um rolar confuso de presentimentos desfiava-se-lhe no peito. Onde estaria? Dormindo ao lado do outro, o que a comprara.

E num éco doloroso e profundo, batiam n'elle todos os barulhos da vida.

Pela porta volante da casa alegre, um homem grisalho entrou num atropêlo, empurrado por uma hespanhola gritante. A mulher exclamava:

— Anda! Por aquí! Por aquí! Buro homem!

Sentaram-se perto dos dois amigos solitários e o burguêz reagiu:

— Basta, mulherzinha damnada! Você acaba me esfolando vivo. Anda, vai buscar vinho...

— Eu não! Chama o garçon, buro!

Ruidosa, galharda, pediu champagne.

— Eh! Não vê que eu pago. Champagne na crise! Olha, o café êste anno não saiu da fazenda.

— Que! Você não é fazendeiro... E' buro!

— Não sou? então não pago champagne.

A mulher resolveu-se por um vinho do Pôrto. O burguez riu satisfeito. Ella indignou-se, sahiu estabanadamente para a outra sala. O homem sorriu amável, dizendo:

— Foi... mas volta. Não vê que ella perde o vinho do Pôrto, nesta crise. Anda tudo em crise, até a vergonha... Eu, um pae de familia... Puff! Tambem, um cabaret alegra a gente.

Disse que era viajante. Bebeu, achando excellente a vida. Depois, foi atraz da mulher.

Lobão começou então a invectival-o. Tinha vontade de ir para Buenos-Aires ou para o Oriente, para bem longe d'aquelles burguezes que se satisfaziam com uma Lola e um vinho do Pôrto. No fundo do seu humano coração, a portuguezita banal dansava com outro, infernalmente. Iria acabar os seus dias numa terra ignorada e estranha onde fôsse o forasteiro indecifrável.

— In-de-ci-frá-vel!

Da outra sala, pela porta volante, subiu um alarido: risos, gritos de mulheres, escalas desordenadas de piano. Depois a voz do cabaretier commandou:

— "Allons! Messieurs, dames! Un peu de gaité dans la salle! Un! Deux! Troix"!

Palmas rythmaram-se na algazarra. Acompanhada do piano, uma voz débil elevou-se:

— "Je suis le co-co de Chi-cago"!

João do Carmo sentia-se torvo. Ante a inconsciência festiva do mundo, vinham suffocá-lo, em ronda, pállidas tristezas.

A voz do cabaretier suggeriu un cri d'admiration pour Mlle. Fruli. De novo houve palmas rythmadas.

Lobão queria sahir, ir para o Oriente. João percebeu que o outro deixá-lo-ia para se deitar. Teve medo de ficar só. Preferia estar encolhido naquelle barulho. Pediu-lhe que ficasse.

A porta volante escancarou-se. Reappareceu a hespanhola com o burguez. Elle vinha dizendo que perdera no jôgo. E ella exigia a bolsa nova que esquecera dentro do automóvel.

Sentaram-se. Havia cahido uma môsca no copo abandonado. Ella exigiu vinho do Rheno. Discutiram preços com o garçon accudido. O homem disse que na fabrica, no Bom Retiro, custava a metade.

A mulher farfalhava na cadeira. Veiu a garrafa. O burguez offereceu aos dois amigos, de novo quietos.

— Sem cerimônia! Coisa que nunca tive na vida!

Contava histórias de rabichos. A mulher insistia:

— Olhe, amanhã você tem que trazer a bolsa, hein?

O tumulto alegre redobrou com a chegada de mais gente. Gritavam: "Vive les carabins, ma mêre! Non, ce sont des cocos, de vieux copains!"

E o cabaretier ordenou "un cri d'hysterie" percuciente, na sala.

Alma instalara-se com Luquinhas num bungalow atarracado das Perdizes. Possuía jóias e móveis, louça frisada de ouro, uma aia allemã para o pequerrucho. E o automóvel verde do electricista passeou, nas tardes quentes, a sua renovada belleza pelo Triângulo cheio.

Luquinhas, numa transfiguração de jerseys caros, tinha um grande mêdo intranquilo do "lambishombem".

Os seus cabellos cacheavam-se em oiro disperso.

Nas manhãs luminosas, sahia para os parques da cidade, com brinquedos e a creada.

E, na volta, vinha acordar mamãezinha com ponta-pés repetidos e bambos na porta fechada do quarto, onde o "lambishombem" morava.

O engenheiro dava-lhe nickeis e tinha um pavor de que aquellas mãozinhas lhe lambuzassem as calças magníficas.

Mas, num deslumbramento, Alma, nas toilettes mais finas, tomava-o, mordia-o, chupava-lhe as carnes tenras e brancas. Tinha a volúpia de ser urinada pelo seu crescido valete de copas.

João do Carmo compôz um livro todo de sonetos.

Na Semana Santa, Alma quiz que êlle fôsse prestar a homenagem da sua presença de Chérubim, numa procissão, de madrugada.

Na multidão silente, entre theorias irregulares de anjos que andavam, a aia solemne seguia-o.

E, pelas ruas, a mãe não o largava com os olhos verdes da côr sentimental da esperança, sob um largo fêltro branco.

Um dia, porque Luquinhas derramasse, na toalha pura e bordada, uma terrina fumegante, o "lambishombem" zangou-se.

Alma recriminava-o de não ter contido a tempo a creança.

— Ser pagem também, não! respondeu elle.

Ella levantou-se, cheia de insultos. Levou o filhinho para o quarto, sem terminar o jantar.

Reconciliaram-se friamente. E, á noite, Alma sahiu com Camilla. Não se deixavam, numa sensacional camaradagem de risos e passeios.

Alma tinha sempre somno, um somno de felicidade. Quasi adormecia, nas toilettes ricas, ao chôro das valsas, nos cinemas do centro.

Luquinhas ganhara immunidades. Na casa rica, propunha a tôda gente esconde-escondes e cavalgadas. Quebrava tudo. Batia com a colher cem vezes regulares na meza. Um bulício reinava por onde apparecessem os seus cachos loiros. Quando Alma se demorava, chorando de somno, no collo compassivo da governante siguda, queria trocar de mãe.

Outras vezes, ella não sahia. E brincavam juntos, num renovado paraizo de surprezas, de beijos e de gritos.

Elle occultava-se atraz de uma bandeira de porta e gritava.

Ella, sorrateira, estava alli ao seu lado. Descerrava o esconderijo. E, num deliciado susto, elle tombava-lhe nos ávidos braços.

Ensinaram-no a ler num grande livro de figuras: A-za, E-ma, I-lha, O-vo, U-va.

O bicho caratetú vinha nas noites tétricas espiá-lo.

Crescia. E, crescendo, tentava o mistério de tôdas as portas, de todos os móveis, de tôdas as gavetas; buscava o inédito de tôdas as janellas; explorava a floresta florida do jardim. E procurava, além do portão, a rua que levava aos mundos longínquos dos parques.

Davam-lhe todos os brinquedos, todos os doces, todos os livros bonitos.

E, parado, ouvindo a grande phonola que o engenheiro comprara no dia de seus annos, era um padre de camisola, sacrificando ante a missa musical dos discos.

Ella puzera o seu chapéu côr de maravilha.

Tinha encontrado Mauro no Triângulo. Estava mais alto, mais forte. E falara-lhe com a voz metálica, num velho desembaraço. Ia vêl-o.

Elle esperava-a na Praça da República, entre hermas cinzentas e repuxos japonezes de flores vermelhas.

E ella convidou-o a ir até o longínquo bungalow das Perdizes.

Tomaram um velho taxi. Estavam cerimoniosos, bons, alegres. Elle entrou, como numa fita de cinema. Admirou o gôsto das lacas, dos tapêtes, dos cretones.

Ella mostrou-lhe o quarto de Luquinhas, todo branco. E levou-o para o hall, onde havia convites de poltronas macias.

Fumavam conversando. Uma animação começou a agitá-los. Telles Mello partira para Uberaba: voltaria d'ahí a dez dias.

Mauro andara pelo Rio. Falou-lhe das mulheres que tivera, numa naturalidade. Ella relatou-lhe a vida rica e fácil. Mostrou-lhe uma pulseira delgada de saphiras e brilhantes que ganhara no Natal.

E, súbito, êlle levantou-se excitado. Achava-a diversa, outra. Libertada do chapéu de passeio, ella parecia esplêndida na inteira toilette, em crepe tête de nègre com punhos fartos de skunks e a gola provocante no contraste do cabello acajú.

As pernas revelavam-se até o ouro das ligas monogrammadas nos fechos.

Êlle baixou-se. Beijou-lhe a testa alva de crême, depois sugou-lhe os lábios entreabertos e carminados.

Ella tinha os bicos dos seios duros, de pau. Veiu-lhe um grande riso, hysterico e desigual.

Uma curiosidade criminosa, naquelle ambiente, onde um extranho reinava, impellia-os um para o outro, juntava-os.

Excitaram-se, disfarçando com vozes altas. De dentro, vinha um barulho de creados...

Partira o grande macho retornado, risonho e recurvo. Deixara-a num desmantêlo de toilette, a bôcca inchada de lascívia, sentada numa seriedade de crime, os olhos fundos nas olheiras lutuosas, a carne vencida de gôzo.

E ella ergueu-se na sala deserta. E foi descobrindo a côr de tudo, o sentido espectaculoso de tudo.

Mauro tomou um bonde do Braz. A voz dos cabarets cantava-lhe victoriosamente nos ouvidos

alegres. Lembrava-se de uma noitada no Rio. No tilintar das fichas, gritavam: trinta e cinco! Era o número da casa antiga de seu pae.

Encontrou apenas a creada da infância, morando perto. Estava velha, tôda branca. Pôz-se a chorar ao vêl-o. Tinha perdido os dois filhos num anno. O destino estraçalhava-lhe as últimas escoras da vida. Queixou-se lamentosamente. Sentia-se lavada em água fria, nas costas, nos hombros. Pediu-lhe um agazalho. Elle deu-lhe dinheiro e partiu.

A queda rápida de Alma fazia entrever um futuro favorável ao caften, onde a fortuna de Telles Mello rodava.

Voltou imprudentemente ao bungalow das Perdizes.

Uma tarde, o engenheiro, avisado, chegava quando elle sahia. Os dois homens advinharam-se á entrada do jardim, rodaram como dois boxeurs na arena, perscrutando-se.

Elle partiu num sorriso de desprezo soberano, os músculos tesos e promptos.

O outro entrou: tinha uma psychologia insultada de capenga.

Numa scena dilacerante e rápida, fez a amante confessar e expulsou-a.

Ella ia sahir, serena, linda, acostumada á festa trágica da vida. Presentia a existencia com Mauro, a ruina, o descalabro certo. E achava natural aquelle repentino desamparo da sorte. Era o ser humano na queda abysmal, sem fundo.

Vestira Luquinhas. Tirou-o da cama rica de pau laqué, nevada de filó.

E êlle procurou levar nas mãozinhas gordas um bebé de celuloide, o balde e a pá com que revolvia a terra fôfa do jardim.

Ao sentir aquella tenacidade, o homem pensou em tornar atraz. Tentou agarral-a. Ella quiz dar-lhe uma bofetada, num despreso de olhos verdes.

Luquinhas suffocou-se de choro e de medo.

Telles Mello juntou do chão o balde que cahira das mãos da creança, correu ainda ao portão.

Ella ia, num vento de loucura, rua abaixo, clara, fulva, carregando o filhinho cujos cabellos fluctuavam.

— Que has-de ser quando fôres grande?

— Santo.

E um jôrro de riso claro partiu da boquinha de dentes eguaes, envolvida nos cachos de espiga que se embaraçavam pescoço abaixo.

— Não, Luquinhas, não brinco mais então — fez a mãe supersticiosa, reprehendendo-o. Que hás-de fazer quando fôres homem grande?

— Fazer santo...

— Ah! Não brinco...

Ella deixou-o pensativo, sentado ao banco quebrado da horta dos fundos de D. Genoveva, e foi ninar o bebé idiota que os olhava, braços de celuloide erguidos, entre verduras. Poz-se a cantar:

— Nana ne-nê! Nana ne-nê! Você sim é bonitinho, não é como Luquinhas, êsse feio...

— Mamãe! gritou a creança que accordara, de olhos vivos, pestanudos, na tarde que invadia as áleas estreitas e doirava a casa baixa... Mamãe! Eu vou ser pára-raio!

Das jóias antigas, ella conservava apenas um medalhão negro de ônix, preso a um fio invisivel de platina.

Sahira num desespêro, deixando o filho adormecido com a mulher de chinó.

Andara à-tôa pela cidade nocturna e agora deixava-se ficar allí num banco quieto da esplanada do Municipal, esperando, numa desorientação calma, que as horas passassem. E as horas custavam a passar, como a vida.

Homens farejavam-na como cães. Dois rapazes que desciam pela ruela de areia, perguntaram-lhe se viera do theatro. Tinham parado no Anhangabahú claro e deserto. Ella levantara-se. Eram ambos bem vestidos, tinham dinheiro de-certo. Chamaram-na.

Um barulho de taxi estrugia pela rua Formosa. Elles fizeram o chauffeur estacar. Ella estava allí, junto ao carro parado, na rua silente.

— Não vou. Ir onde?

Entrara. Sentou-se entre ambos. Deram um endereço vago. Apalpavam-n'a no escuro.

Nas paredes de um quarto, havia um espelho e obscenidades em cartão colorido. A um canto, um divan.

Sahira um. O outro fechou a porta, veiu para ella. Quiz deital-a. Uma halucinação tomara-a. Estava de pé, tinha os olhos severos e fixos e os bellos braços nús sob a claridade.

O homem ia abrir a porta, despedil-a sem lhe dar dinheiro. Ella murmurou que ficava. Esbelta, em dois pulos, desfez-se das calças de rendas. Mas o macho relutava, desconfiado. Foi até a porta, chamou o outro. Riam-se. Excitado e indeciso, voltou. Alma disse que já haviam pago duzentos mil réis pelo seu corpo.

Elle parecia inundado subitamente de furia sexual. Mordeu-a nos lábios de desafio. Ella enroscava-se tôda no homem de acaso, cerrando os olhos, recostando a cabeça, perdoando...

Puzeram-na para fóra, deixando-lhe na mão sete mil réis. Desceu na direcção do centro, num passo sonoro. Encontrou guardas e retardatários.

Bebeu cognac num bar acceso do Largo da Sé. Um homem alto falou-lhe com delicadeza. Ella andou ao lado d'elle, muda, inerte. Numa polidez recurva, o homem propunha-lhe sentimentos.

Tomou um bonde para a Luz. Junto ao Jardim Público, atravéz das árvores, viu uma fita longa de sangue cercar a madrugada cidadina.

Gallos cantavam, accordando as estrellas dos

seus últimos êxtases. A cidade martellava os seus primeiro ruídos.

A fita de sangue enrubescia, amarellando-se de tons novos. E, por cima, o céu era todo azul-claro. A terra girava como ella no espaço sem apôio.

Aquietou-se alli nos lençóes da cama alugada.

Não podiam esplender sôbre a cabeça de seu filho as miragens dilectas da infância... Elle era uma pobre sombra no colchão emprestado. Trapos e carne... soffrimento.

A noite sonora cahiu. Crianças brincavam na calçada, cantando em frente à casa baixa.

Num vestido antigo de setim, Alma, de pé, vigiava o filhinho.

Soropango da vingança
Tôda a gente passarão!

E ella sentiu, num obscuro instincto, que estava sendo castigada. Recordava o telegraphista dedicado, o cãozinho morto sob um caminhão, o sobrado trágico da Rua dos Clérigos, onde fôra feliz.

Uma menina suja, de grande olhos, veiu accordál-a dizendo que Luquinhas não queria brincar.

Elle estacara a roda viva na calçada. Alma foi buscál-o, trouxe-o num choro de desabafo, as mãos fechadas no rostinho quente.

Com o coração amedrontado, perguntou-lhe o que sentia. Levou-o para o quarto num alvoroço, augmentou-lhe os agasalhos. Elle cessara de chorar: permanecia sentado, ao colchão, olhando-a.

As creanças vieram até a porta espiar com risinhos e silencios. Ella gritou mandando-as embora e foi buscar D. Genoveva.

A velha notou-lhe a febre do ventre. Disse. Elle cerrou os olhos miúdos num choro sentido.

— Que é, meu bem? Que é, meu bem?

Lá fóra, as creanças reorganizadas continuavam em roda:

Soropango da vingança
Tôda a gente passarão!

Arranjou ao lado, numa cadeira, a sua roupinha de homem. Esticava os braços molles de brim, as perninhas molles. Era a farpella pequenina, com que êlle devia carregar a cruz da vida.

Noite alta, Luquinhas agitou-se no travesseiro único e velho. Alma não conseguia dormir, olhando-o.

Se morresse! Ella sabia que nada podia resultar daquella mísera existência humana.

Sentou-se ao leito, os grandes cabellos desmanchados.

A boquinha que se lamentava na penumbra do quarto cerrado enriquecer-se-ia de sorrisos, para quê? Para beijar prostitutas como ella e depois comer a lama da vida.

Levá-lo-iam mãos estranhas, por caminhos incertos. E d'ella, êlle carregaria sómente o ódio maravilhoso.

Lá dentro, no corpo torcido de desgôsto, a annexite adquirida trabalhava. Era um beliscão re-

pentino do lado esquerdo que amortecia o ventre todo.

D. Genoveva mandou chamar o médico grisalho. Numa serenidade scênica, êlle examinou demoradamente a creança agitada. Falou em cholerina, disse que era grave, receitou e partiu.

Uma gotteira inundava lentamente o quarto. Lá fóra, um diluvio tomara conta do céu e das ruas.

A noite envolveu-os. Uma lamparina empallidecia a um canto.

Alma escutava o barulho da chuva. De hora em hora, pisava com os tacões altos o quarto alagado, ia buscar a colher de remédio e trocava os pannos immundos.

Oh! as promessas da vida! A procissão em que êlle se vestira de anjo e fôra tropeçando as perninhas roliças no cortejo sacro, entre padres e virgens, com banda de música atraz. Havia um rei... êlle era o reizinho de mamãe... o reizinho da caminha de pau laqué...

Vira-o peorar na madrugada seguinte. Todos os falsos valores, tôdas as sombras ladras que a prendiam, tinham fugido. Só ficavam na penumbra os remorsos, serenos como carrascos tártaros.

Espectros dos crimes passados estacavam no ar, como chicotes immoveis.

Ella desdobrara as azas ao convite flexuoso da terra, sem se importar com as existências idas, com as existências que viriam.

Mas todo o ridículo trágico de sua vida voltou... o drama diário da sua maternidade obscura, da sua maternidade incomprehendida, apezar-de se terem rachado os seios na amamentação... Oh! o sangue que perdera, e as lágrimas! Tudo consolado por um pequenino riso que não vinha mais.

O médico appareceu inutilmente na quinta manhã.

O enterro sahiu da casa pequena ás quatro horas.

A tempestade passara e fazia calor.

Alma, de olhos seccos, fôra levada para os fundos, pela velha compassiva. Duas vizinhas de preto seguiam-na. Ficou sentada a uma cadeira de palha, sob a têlha-vã da cozinha.

Ouviram-se pelo corredor os passos arrastados dos que sahiam, creanças levando flores, homens carregando o caixão.

Ella sentiu que Luquinhas ia-se embora. Balbuciante, disse-lhe o nome entre soluços, tremendo, tôda torcida. E agarrou-se nervosamente ás outras. A sua pobreza vital transfigurou-se de tragédia. As pupilas marinhas, entre os grandes cílios, supplicavam indizivelmente.

— Não deixem elle ir sozinho! Não! Não!

Depois, os cabellos desfeitos pelo rosto, fulvos e molhados, dobrou-se, cahiu pesadamente nos tijolos, muda e selvagem.

O enterro ordenou-se no meio da rua, num começo resoluto de marcha. Um menino de bôcca aberta, tropeçando, juntara, sob o braço, os chapéus dos vizinhos piedosos. As outras creanças conversando, abriam o préstito, de vermelho, de azul, de branco.

Pressurosos, grandes e pequenos apedrejaram o caixão humilde e azul, com grandes pedaços de terra molle. Os primeiros punhados bateram ruidosamente sôbre as tábuas que fechavam lá em baixo, para sempre, o cadaverzinho coroado.

O coveiro de bigodes hirsutos e grisalhos despejou pás cheias na cova. O barulho abafou-se: ficou o barulho de terra atirada sôbre terra.

Ella guardava d'elle um pequenino retrato carbonado pelo tempo. Fôra tirado por um photographo ambulante, numa tarde de sol, no Jardim Pú-

blico, entre coqueiros trêmulos e gritos espaçados de aves invisíveis.

Sumia como um rato arisco. Estava aqui, ali, desapparecia...

Iam encontrá-lo trepado no caixote de sabão da cozinha ou afogando no banheiro vasio a desgrenhada Neca Caleluda...

Na sala antiga, D. Genoveva, de óculos, pedalava a máchina de costura.

A bordadeira redonda, embrulhada em setineta e cheirando mal, cuspilhava insultos na noite branca.

— Não pagou o vestidinho de sêda crême de seu filho! Ficou devendo a camiseta...

— Dêlle, eu paguei tudo. Só não acabei de pagar o meu vestido de filét... Dêlle, paguei...

— Não senhora. Emfim, deixemos a creança,

ella está no País da Verdade... Mas a senhora não pode jurar com a mão sôbre o livro do Evangelho...

Luquinhas estava no País da Verdade. Alma sentiu abrandar-se a ferida que a femeaça lhe abrira no peito, insinuando que devia roupas do mortinho. Luquinhas não devia nada, êle estava no País da Verdade...

— Não paga os vestidos...

Um homem passou, voltando a cabeça curiosa.

— Não grite, por favor...

— Grito... é o meu rico dinheiro que eu quero... Pague...

No fundo indeciso de Alma, uma revolta levantara-se em muletas cínicas. Teve ímpetos de negar que devesse. Notou que a uma janella das proximidades, na rua desolada, cheia de árvores, saíra gente para escutar a altercação.

— Se a senhora grita assim, não pago.

Então a víbora gorda cresceu, inundou-lhe os espantados olhos de cuspo.

Alma desvencilhou-se nervosamente e correu.

A mulher ficou esbravejando. À janella surgiu mais gente para ver. E a silhueta redonda, no tribunal conquistado do reverbero doméstico, accusou, desconchavando os gestos na calçada.

A procissão parou. E, do grupo em crepe das carpideiras, a mulher alta que fazia de Verônica subiu à cadeira, cantou inexpressiva em meio do expressivo cortejo.

— Trec-trec-trec-trec-trec!

A matraca reencetava a caminhada nocturna e heróica, que fazia, na cidade açulada de espanto convencional, o entêrro de Christo.

E, de novo, a música chorou pelos trombones em desfallecimentos exaggerados, depois obstinou-se num rythmo de passos demorados e certos.

— Bum! Pá! Bum! Pá!

As lanternas em tôrno ao pállio, amachucado no alto dos varaes, cabeceavam. Lá adeante, na frente, annunciando o cataclysma, ia a cruz de pau preto, a balançar um M enorme de linho. E fieiras vacillantes de tochas guardavam os andores.

Alma, enfiada num turbante velho, ia atrás da Virgem apunhalada que quatro homens, de togas como juízes, erguiam sôbre os hombros impávidos.

E parecia-lhe que enterravam alli, gloriosa-

mente afinal, o filhinho que ella trazia insepulto no coração.

Era o seu drama aquelle, o drama obscuro de Maria em Jerusalém, de que as gentes da terra, numa condemnação de remorsos, fixada num calendário implacável, renovavam o angustiado mysterio por noites extáticas de lua.

— Bum! Pá! Bum! Pá! Pá! Pá! Pá! Pá!

Os trombones gargalhavam nos desmaios do pranto lutuoso.

E ella sentia, na cadencia das luzes e das opas, ao som grave e cavo da matraca, que conduziam alli, atraz d'ella, o féretro desmesurado de Deus.

Mas o Senhor que ahi vinha, gelado num caixão, era parecido com o seu filho que os homens haviam morto na cruz dos seus braços inúteis, dos seus braços inertes.

— Bum! Pá!

Nossa Senhora não fôra como ella... No emtanto, que haviam sido Magdalena e a Samaritana? E ella era como Nossa Senhora porque tinha experimentado, do coração aos olhos, o gume das sete espadas! E sua creança não tivera, como o filho de Maria, senão o desprezo dos diabos felizes da terra.

Maria decerto andara assim, como ella, ano-

nima, pisada, na multidão que seguia o charivari da cruz, na cidade negra de Jerusalém.

— Trec-Trec-Trec-Trec!

Maria, porém, fôra vendo de longe o filho doloroso, o filho santo. E ella não podia mais ver, nunca mais, o sêr affectivo que lhe sahira das entranhas.

Num calmo tropel, a procissão desmembrava-se para penetrar na egreja grande e accesa do largo.

Afastaram-na do centro, junto com beatas e homens do povo, para deixar passar, aos solavancos, na gloria funeraria dos trombones, o filho ensanguentado de Maria.

Aquella manhã veio, numa seducção de luzes, accordar a casa baixa.

Ella vestira-se, sahira sem destino, longe, pela cidade.

Fizera Hygienópolis a pé. Queria voltar. E nem um bonde apparecia no fim dos trilhos de aço. E o silêncio doirava a hora azul.

A avenida aristocrática dormia ainda nas residências defendidas e mudas entre árvores.

E todo o seu ser parara numa concentração irresistível de myríades de músculos anímicos.

Então, para o silêncio das altas nuvens, partiu uma escala de piano, vibrada invisivelmente de dentro de uma vivenda quieta.

O silêncio propositado de tudo, das árvores e das sombras, acolhera as notas numa ressonância extática.

Ella estava de negro, como um corvo, e o sol queimava-a.

E, de novo, a escala insistiu as sete notas, batidas por mãos de creança, regulares, eguaes.

Ella pensou que, no fim, quando tudo se acabasse, êsse momento de tristeza augusta falaria.

As lágrimas desciam silenciosas á vista das roupinhas empilhadas, na gaveta que D. Genoveva lhe dera.

Quando outra mãe, feliz, descuidosa, passava

com a sua creança viva, tinha um choque no coração.

E nas horas do recomeçado trabalho, na sala escura, onde com elle brincara tanto, vinha-lhe á cabeça flammejante, uma pena immensa e quieta.

Aos domingos, partia cedo de bonde, levando lios de margaridas brancas e saudades, compradas na feira da véspera. E achava uma injustiça elle estar alli, debaixo da terra, do cemitério suburbano, ao canto lithúrgico das árvores, emquanto os outros meninos corriam e brincavam ao claro sol.

Soube, num cinema, que Mauro Glade estava preso.

Com os cabellos corridos, a cabeça martyrizada para o alto, João do Carmo transmittia telegrammas. Mais de um anno se tinha passado sôbre a sua derrota. E elle amava-a sempre.

No início, a mão gelada de um grande torpor tocara tudo, emmudecera tudo. As suas acções automáticas passaram a reflectir um desvio que elle controlava com pena.

Rondou, durante mezes, o bungalow das Perdizes. A casa permanecia sempre escura. Como se não fôsse para vêl-a, ia postar-se demoradamente a uma esquina. Numa immobilidade de espirito e de gestos, presentia-a às vezes num chegar ruidoso de automóvel.

O coração afinal não se lhe apertou tanto como antes. Mas, em tôrno dêle, tudo morrera pouco a pouco, ou se envenenara ou se trocara. Era um cemitério, o bairro, o club aquático e o emprêgo, com os sêres inexpressivos, inexistentes que lhe falavam.

Os dias vinham às vezes, pálidos, encontrá-lo chorando de olhos salsos.

Voltava espaçadamente a nadar no rio.

E sabia de tudo — o regresso de Mauro, a briga irritada do engenheiro, a morte imprevista de Luquinhas.

Dez vezes, quisera offertar-se, correr, erguê-la. Um obstinado plano de salvamento formara-se-lhe no íntimo, vivia-lhe no coração.

A tarde baixara sôbre a cidade um incommensurável occaso preto. E êlle pensou definitivamente em emprestar o revólver policial de Dagoberto Lessa.

Chamaram-no ao telephone. A voz angustiada de Frederico Carlos Lobão esganiçou-se. Disse-lhe que tinha visto Alma, fatal como a Esphinge de Edipo.

— Falou com você?

— Falou. Perguntou pelo teu amor...

Encaminhou-se para o bar pitoresco do Braz, onde na parede se recortava, em roxo batata, a Estação da Luz.

E foi sentindo baixar pelas ruas o áureo occaso negro da cidade, reposta num equilíbrio grandioso de linhas e de cúpulas.

Na solidão amiga do quarto pobre, onde se tinham tanto promettido, elle levantara-se. Approximou-se e, dissimulando mal um carinho grato, tomou-a pelos hombros palpitantes.

Demoraram-se assim, na espectativa de qualquer coisa immensa e nova. E os lábios encontraram-se incertos, violentos, terriveis.

— Faze olhos grandes!

Na penumbra, Alma escancarou as alvas, moldura para as pupillas verdes de velludo e crystal.

As narinas fremiram.

E, numa mobilidade de puzzle imprevisto, a máscara cascateou um riso desigual com altos e baixos de animalidade lasciva, os dentes brancos e perfeitos engastados até o fundo nas gengivas sadias.

Descobriram um ninho de duas saletas na rua de São Caetano. Um trânsito ininterrupto de carroças barulhava.

Na área fechada da casa, havia duas araras ornamentaes e inquietas.

Elle ia jantar só, pela última vez. Uma psychologia tenebrosa de noivo empalava-o. Tudo estava de parabens: as árvores, as casas, as gentes. Sentia que ia fazer uma grande coisa, uma grave coisa.

A cidade tremeluziu nas primeiras luzes. E sôbre elle desceu a noite de festivas lanternas.

Deixava o velho aposento de solteiro. Descera Baudelaire da parede.

Um delírio tomou-o na noite de presentimentos e de glória. A cabeça destampara-se-lhe. E, pela fresta aberta, fugiam tropéis pensativos — a mobília, ella, a mobília...

Tactearam-se, procurando reconhecer, um no outro, velhas eleições.

As araras decorativas punham gritos finaes nos dias morrentes.

Nas noites apagadas do leito, elle começou a sentir que a castidade de Alma gastara-se como a sua saúde inicial. No contágio canalha dos homens, ella se tinha desmoralizado pouco a pouco.

Um gesto, uma phrase, repunham-no no cal-

vário passado. E não se sabiam dar a prometida festa do amor.

Accordavam ás clarinadas dos quarteis. A ambos, o quarto e a vida pareciam extranhos.

João perscrutava a desolação do seu paraizo attingido. Alma tinha uma tyrannia de hábitos, oppostos aos seus mediocres contentamentos. Pensava no filho e no automóvel verde que perdera.

Nas noites contrafeitas, elle sahia ao seu lado, para ir ouvir, no escuro, a chorosa festa das valsas de cinema.

Ao passar o portão, na volta do emprêgo, affligia-se numa pouca segurança. Aquelle ambiente improvisado, onde os seus livros e as suas pequenas coisas punham uma nota solitária, não o sentia seu.

Horrorisou-se n'elle o sonho pertinaz.

E Camilla Maia, numa reapparição, levou-a de novo, offerecendo-lhe perigosos vestidos.

Era uma presença inquietante, molesta, a dêsse ser de pequenino sorriso, que não partilhava das suas obscuras angústias.

Quis protestar. Alma perguntou-lhe quantos presentes lhe tinha dado.

Passou a sonhar deante das liquidações.

Percebia desoladamente que ella não era a mulher que tinha amado.

Voltou a procurar Frederico Carlos Lobão que lembrava, numa triste gordura, a sua portugueza cataclysmica. Ella voltara para o trahir de novo.

Nos passeios longos de bonde, pela noite á-toa, igualados na importância que davam ás minúcias heróicas das próprias batalhas inglórias, indagavam se era possivel que na vida não houvesse para elles os poemas consolantes.

E inventavam o passado:

— Ella, uma vez, me disse... E eu disse...

Ia lendo um livro. Esbarrou a uma esquina com Dagoberto Lessa. E o venenoso homem calvo, apossando-se d'elle, como de uma presa perdida, lançou-o num barathro de duvidas e revoltas. Contou-lhe, sob palavra de honra, que ella tinha outro amante, a cidade tôda sabia...

Andaram vagarosos na tarde confidente, pa-

rando, proseguindo. Dagoberto era uma vocação exercitada de bombeiro do amor. Sentia-se apparelhado de escadas, de cordas, de mangueiras.

O outro escutava-o como uma creança. Precisava deixar aquella Lucrecia Borgia.

Soffria muito. Decidiu-se covardemente. Não voltaria à casa aquella tarde. Estava ao lado de Lobão que fôra chamado. Ficaria com elle. Era o seu leal amigo. Vinha-lhe uma irreprimivel vontade de chorar.

Solennemente secco, Dagoberto partiu para separá-los. Alma fel-o sentar, indifferente. E soube que João a abandonava com todos os moveis, retirando apenas os livros, a mala e os objectos intimos.

Camilla appareceu de repente, radiosa, com um chapéu claro, num vestido azul de franja de

seda. E interveiu, irônica e violenta, longe daquella humilde aventura. Trouxas eram as mulheres! Alma, "um succo", nas mãos daquelle miquiado!

Dagoberto, enfiada a dolorosa carapuça, retesou-se rapidamente de ódios, de venenos.

A mulher petulante, decidida, imprevista, achava grosseiro o procedimento do amante e mais ainda o do novidadeiro.

Num arrebatamento de discurso, elle levantara-se. Repeliu sonoro. Classificou as mulheres. E, furioso ante a inexgottavel arrogância da contendora elegante, gritou, num supremo argumento, que era da polícia, que prenderia as duas...

Alma continha o seu ódio fulgurante a um canto.

Camilla apostrophou-o num esganiçado grito:

— Indecente! Secreta! Sae, azar!

Elle teve uma rabanada heróica da capa hespanhola:

— Prostituariada! Eu te conheço...

Alma estalara em lágrimas nervosas, intervindo.

— Sáia daqui!

Elle rodou os degraus numa fúria, os dedos de estrangulamento.

E berrou da calçada:

— Vá para uma pensão! Role na esterqueira! Role!

Na inconsciência da noite longa, no barzinho eleito do Braz, João e Frederico Carlos, no confessionário dos copos, disseram mal de Dagoberto.

Era um estraga-tudo irrequieto, que pairava numa suspensa ironia, sôbre a belleza dos seus vivos sentimentos, sôbre a credulidade e a fôrça dos seus devotados corações.

Ella era a sua vida, tôda a sua vida.

A cidade nocturna festejava São João. Havia fogueiras, rojões, estouros de bombas.

Num remorso, o seu coração fagulhava como os pobres fogos da cidade, trêmulos e curtos.

Reataria. Talvez fôsse tudo mentira. Sentia que devia reatar.

Apenas, na reconciliação dolorosa, imporia condições novas de vida. Camilla não voltaria a frequentá-los.

Tomou rapidamente um bonde, para passar por lá. Talvez a visse. Talvez se falassem...

O seu coração fagulhava como os pobres fogos da cidade, trêmulos e curtos.

Imporia condições. A vida de ambos...

Seria ella?... Por uma divisão do tôsco caramanchel, no Jardim Público, onde a esperava sem que Dagoberto soubesse, viu-a caminhar por uma álea, elegante, sólida e simples, num vestido claro de Camilla, a gola alta, um feltro branco de onde despencavam cerejas enormes. Como estava magra, o rosto severo e abatido!

E ante o seu orgulho flammejante, ás primeiras palavras, elle sentiu o velho coração ceder.

Na volta para o quarto, onde tinham tentado a jornada da felicidade, ella foi recordando a vida. E o homem grande e bom que a acompanhava, numa retornada ventura, commoveu-a.

Lá dentro, atirou-se para beijá-lo. Elle fugiu num resentimento inesperado do coração offendido. Houve uma caçada de bôccas.

E, pelo dia a dentro, interrogou-a sôbre o calculado rival. Não houvera nada de grave.

— Nada de grave... dizes?

Ella pôz, nos lábios debonários, um sorriso evocativo de beijos.

O coração traído cortava-se num silêncio. Mas, súbito, Alma investiu, a bôcca terrivel, de confessada:

— Tu és o unico culpado. Encontrei um amor

quente, louco... amor de menino... Não um esquisitão, como tu...

E disse ainda, de pé, na gola alta, que não queria o seu perdão se o não merecesse. A culpa das mulheres cahirem era dos homens que não sabiam amar...

Agora, nas noites longas, o outro deitava-se com elles, ao leito, interpondo no amor inaugurado o seu extranho corpo.

Lobão que promovera o reatamento, contou tudo a Dagoberto.

A culpa era dos homens que não sabiam amar.

Mas elle venceria as complicações embaraçantes da sua psyche doentia. Seria igual aos outros.

Num deslumbramento, comprou para ella um chapéu cheio de penninhas e fitas numa loja esquiva. As penninhas vermelhas e verdes faiscaram na matinal luz, onde sinos brincavam. Embrulharam-no num vasto papel de sêda.

Mas a vida era uma tristonha desigualdade.

Não podia afastar a diabólica presença de Camilla. Ella apparecia com vestidos extranhos, em pelles, em fitas, e levava-a num risonho tumulto, dando-lhe écharpes modernas, luvas inteiriças de pellica.

Tinham marcado um encontro essa noite. Iriam dansar. Camilla arranjara com Arthur, sempre gin-

gando e sorrindo pelas ruas, um convite para a festa mensal do Victoria Club. De lá, iriam á sua garçonnière, na Rua da Boa Morte.

Alma vestia-se numa auréola, rindo muito o seu riso desigual e lascivo, daquelle amor macamfuzio.

Sob o abat-jour, ouro e azul, o bello corpo numa camiseta transparente e curta, maxixava cantando:

— Tari-tari! Bem picadinho! Vou dansar...

João sentara-se pensando na impossibilidade de prolongar aquella vida.

Na íntima penumbra do peito, sentia correr-lhe um rio de tristezas atávicas, inexpressivo, surdo e tenebroso.

Pensava na sua incapacidade invencível para as festas da terra. Seus paes nunca haviam maxixado, nem seu irmão padre, nem sua irmã louca, pobre Ophelia sem Hamlet...

Ah! Coração enganado! Coração enganado!

Alma promettera voltar à meia-noite. Eram quasi duas horas e elle esperava ainda.

Deitou-se com a própria sombra, estirada na parede pallida do quarto, que tinha a janella aberta.

E ficou vendo a vida continuar.

As duas lettras que assignara, na annunciação do amor, venciam-se com dez dias de intervallo. O usurário grande, de fala fina, propôz-lhe que fizesse uma maior incluindo os juros. Acceitou a transação emprestando de um collega o dinheiro necessário.

E, no dia inimigo, percebeu que sua vida caminhava para um desastre.

Não attingira a finalidade procurada na longa espectativa do seu amor.

96

O desequilíbrio em que corriam os seus dias annunciava-lhe uma espécie de exame final, em que seria fatalmente reprovado.

Não comprehendia os gastos de Alma, a sua despeza crescente.

Accordara tarde ao lado d'ella. E deixou-se ficar no quarto por arrumar. Queria falar-lhe, expôr-lhe tudo, dizer-lhe a sua dôr e a sua revolta.

Alma cantarolava um tango, num vestido inteiriço de lã, sôbre sandálias altas. Dispunha objectos e móveis, num atarantado carinho. Iria ao outro dia, com Camilla e Arthur, ao Alto da Serra.

Expulsou-o estouvadamente do leito. Êlle vestiu-se.

Depois começou, tímido, incerto... Queria falar-lhe. Pediu-lhe que fôssem ao Jardim da Luz.

Ella repeliu a idéia. Falasse alli mesmo no quarto que precisava arranjar.

Êlle pôz o chapéu e sahiu só.

Para dar-lhe roupa branca, tomou a máxima resolução de seus dias.

Ia desfazer-se da única lembrança materna que tinha. Era uma jóia antiga.

Esperou que Alma não estivesse. Foi ao fundo de sua velha mala. Procurou, desembrulhou cautelosamente. Derramou-se de uma flor de ouro um chuveiro de minúsculos diamantes. Uma emoção estrangulou-o de joelhos.

Foi ao Monte de Soccorro. Dariam, pela jóia, quinhentos, talvez seiscentos mil réis...

Esperou que um dos cubículos abertos, onde uma mulher negociava, se desoccupasse.

Um velhote enrugado veio tomar-lhe o objecto.

Levou-o sem exame, lançou-o a uma minúscula balança de precisão. Ia pesar o seu destino. Talvez collocasse no outro prato um grande meio kilo. Tomara cincoenta grammas insignificantes. A balança virou. Elle pesava aquillo também...

Nas tardes effusivas de sol, deixando de ir ao club do rio, entrava debordante, pedindo uma compensação, ao menos, para a sua existência desmantelada — o amor que ella lhe devia.

Passou a esperar, deante de seus gestos incoherentes, com uma serenidade de suicida, que o destino o rebentasse num último choque.

Não tinham mais contactos.

E ella, sentindo-o obstinado e extranho, começou a soffrer.

Resolveu contar-lhe que fôra bôa como elle e crédula e mais o que sabia do mundo e mais como os outros lhe haviam destroçado às risadas as últimas innocências.

Uma manhã, disse-lhe beijando-o, que não podia viver sem o seu amor.

À noite, voltaram-lhe as dôres do incommodo antigo. Elle ficou accordado até três horas da madrugada, renovando-lhe compressas de água fria sôbre o doloroso ventre.

O martyrio acalmou-se. Estavam no escuro: João, sentado a uma cadeira, esperando, insomne e humilde. Ella pediu-lhe que accendesse a luz. Elle obedeceu, sorrindo:

— Queres me ver...

E ella num carinho novo, disse:

— Não preciso de luz para te ver...

Elle então estremeceu, accordando para a vingadora felicidade que lhe sorria.

O seu coração estuou tão forte que não quiz mais deixal-a. Passou a seguil-a quando podia, de longe, nas ruas.

E viu-a uma tarde passear no Jardim Público com outro homem. Era um desconhecido, vigoroso e claro.

Deixara de espional-os, por entre árvores e moitas, numa canceira nervosa.

Voltou ao bar perdido do Braz.

No crepúsculo do bairro, velhos sujeitos dansantes entravam. Havia calças brancas e peliças suspeitas.

Reviu, na parede fronteira, a Estação da Luz.

Ao seu lado, o immenso orchestrão de campainhas guinchava uma valsa. Era a alma vária e imprevista, desencontrada e musical do bairro pobre, onde a sua vida se destroçara.

O orchestrão calou-se. Elle leu insistentemente um reclamo num espêlho.

Sentiu um desenlace descer. Tocavam-no dos últimos reductos da esperança. Não possuía mais nada, nunca possuira nada. Um desconfôrto physico dobrava-o. Tôda a sua finalidade fôra aquella mulher. Amara-a numa teimosia épica, através de todos os revezes, de tôdas as lágrimas, de todos os desconfortos. Acreditara sempre nella...

Pagou a humilde despeza. Sahiu pelas ruas escuras e frias.

Um nojo indizível envolvia-lhe os passos automáticos. Revia o caminho enganoso que trilhara. O sentimento de repulsa dominava-o, inflexível e definitivo. Não havia mais remédio, nunca houvera remédio para aquelle amor...

A figura de Alma passou, demoníaca, num meio-dia de luz, os dentes perfeitos, engastados até o fundo nas gengivas de romã. As araras decorativas punham gritos finaes nos dias morrentes...

Reagiu. Uma imperativa mão afastava-o de

novos contactos, de novas explicações, de novas mentiras.

Como? A molhada noite de relâmpagos apagados num instante... E a cidade armada em capella mortuária, com as carroças nos viaductos...

O labyrintho de Creta só tinha uma sahida, só uma porta. E na desvairada Paulicéa, as carroças rodando nos viaductos, silhuetados em aço pelos relâmpagos curtos... Silêncio! Um homem vae morrer, voluntariamente, victoriosamente...

E as carroças nos viaductos...

Lá em baixo, um gato humano miou esfrangalhado.

Os embuçados que passam nas pontes a essas horas, espiaram.

Um relâmpago silhuetou em aço o viaducto e o suicida estendido e calado.

Dez horas... onze horas... Alma quasi dormia.

Jorge d'Alvellos, seu primo esculptor, chegara da Europa. Reconhecera-o nos Correios, ouvindo-lhe o nome estranho que um outro dizia. Passeara com elle para contar-lhe a vida. Agora, apresentá-lo-ia a João... Que demora na noite... Ella quasi dormia... Na distância, um cão ladrava: bau... bau... bau...

Na manhã do Tieté, o club de natação içou a sua bandeirola, triangular e vermelha, a meio-pau.

ULTIMAS EDIÇÕES DE MONTEIRO LOBATO & Co.

Urupês, contos por Monteiro Lobato. — broch. 4$, enc. 5$, ed. popular . . . . . 1$500

Negrinha, contos por Monteiro Lobato,—broch, 1$5, encad. . . . . 3$000

Cidades mortas, contos e impressões por Monteiro Lobato. — broch. 4$, encad. 5$, ed. popular . 1$500

Idéas de Jéca Tatú, por Monteiro Lobato. — broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Fabulas, por Monteiro Lobato, cartonado . . . . 2$500

Fabulas de Narizinho, por Monteiro Lobato, preço 3$000

Onda Verde, por Monteiro Lobato, 2.ª ed. (8.º milh), broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Narizinho Arrebitado, livro para creanças, por Monteiro Lobato, 1.ª ed. (50.º milh)., cart. . . . 2$500

O Sacy, por Monteiro Lobato, preço . . . . . 2$500

O Professor Jeremias, por Léo Vaz, 4.ª edição (8.º milh.) broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Sapezaes e Tiguéras, por Armando Caiuby, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Os Caboclos, contos de Valdomiro Silveira, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Figurões vistos por dentro, por Simão de Mantua, broch. . . . . 5$000

Madame Pommery, por Hilario Tacito, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Tropas e Boiadas, de Carvalho Ramos, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Vida ociosa, por Godofredo Rangel, broch. 4$, encad. 5$000

A mulher que peccou, novellas de Menotti del Picchia, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Vida e Morte de Gonzaga de Sá, de Lima Barreto, broch. . . . . 2$000

Redempção, por Veiga Miranda, broch. 5$, encad. 6$000

A Casa do Pavor, por Moacyr Deabreu, broch, 3$, encad. . . . . 4$000

Paiz de Ouro e Esmeralda, de J. A. Nogueira, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Rito Pagão, Poesias de Rosalina Coelho Lisboa, broch. 4$000, encad. em camurça. . . . . 12$000

Alma Cabocla, por Paulo Setubal, broch. 3$, encad. 4$000

Esphinges, versos de Francisca Julia, broch. . . 4$000

Scenas e paizagens de minha terra, de Cornelio Pires, ed. popular 2$, em papel fofo . . . . . 3$000

A Trilogia do Exilio, (1.º vol. — Os condemnados), por Oswald de Andrade, broch. 4$, encad. . . 5$000

Fim, de Medeiros e Albuquerque, broch. 4$, encad. 5$000

Arte de Amar, por Julio Cesar da Silva, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Livro de horas de Soror Dolorosa, por Guilherme de Almeida, broch . . . . . 5$000

Ipês, de Ricardo Gonçalves, broch. 4$, encad. . . 5$000

Como se aprende a lingua, por Sampaio Doria, curso elementar 3$, curso complementar . . . . . 5$000

Indiscreções da nossa Historia, contos por Assis Cintra, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Jardim das Confidencias, versos de Ribeiro Couto, broch. . . . . 3$000

Tradições e reminiscencias Paulistanas, por Affonso de Freitas, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

A Lingua Nacional, de João Ribeiro, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Contribuindo, por Martim Francisco, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Sciencias Physicas Naturaes, Hygiene, por Miguel Milano, cart. . . . . 3$500

Brasil com S ou com Z, de Assis Cintra, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

O Elogio do Amigo, de Nestor Victor, broch. . . 3$000

Vultos e Livros, de Arthur Motta, broch. . . . . 5$000

Notas de um Estudante, por João Ribeiro, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Physionomias de Novos, de João Pinto da Silva, broch. 4$000, encad. . . . . 5$000

A Allemanha Saqueada, de Mario Pinto Serva, broch. . . . . 4$000

Sonho de Gigante, por J. A. Nogueira, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Hygiene e Tratamento Homeopathico das Molestias Domesticas, por Alberto Seabra, encad. . . . 8$000

O Problema do Além e do Destino, por Alberto Seabra, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Phenomenos Psychicos, por Alberto Seabra, broch. 4$000

Joaquim Nabuco, por Henrique Coelho broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Hygiene Veterinaria, pelo tenente Antonio Souza, broch. . . . . 4$000

No Mundo dos Ladrões, por J. L. Mulberry, encad. . . . . 4$000

Crepusculos, poesias de Moacyr Chagas, broch. . 3$000

Pequenos Estudos de Psycologia Social, por F. J. de Oliveira Vianna broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Meus Odios e Meus Affectos, por Almachio Diniz, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Chuva de Rosas, poesias de Jorge Salis Goulart, broch. . . . . 4$000

Mula sem cabeça, contos de Gustavo Barroso, broch. 2$000

A Paysagem no Conto e no Romance e na Novella, por Fabio Luz, broch. 4$, enc. . . . . 5$000

Realidades e Apparencias, ensaios de Gilberto Amado, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

A Sedição do Joazeiro, de Rodolpho Theophilo, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

O Imposto do Sello, por Amaral Gurgel, broch. 8$, encad. . . . . 10$000

Parque Antigo, versos de Galeão Coutinho, broch.

O que todo o cidadão deve saber, por Sampaio Doria, broch . . . . . 3$000

O Mysterio, por Afranio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque, broch. 4$, encad. . . . . 5$000

Manhã, de Graccho Silveira, cart. . . . . 2$000

A Novella Nacional: A Pulseira de Ferro, de Amadeu Amaral, 1$, Os Negros, de Monteiro Lobato . . . . . 1$000

A Divida do Brasil, por F. T. Souza Reis, broch. 3$000

Palavras de um Dia e de Outro, allocuções de Aloysio de Castro, broch. . . . . 4$000

Oração aos Moços, de Ruy Barbosa, broch. . . . 3$000

Um Soneto de Bilac, por Amadeu Amaral, broch. 2$000

Discurso, por Amadeu Amaral, broch. . . . . 2$000

Dialecto Caipira, por Amadeu Amaral, broch. . . 5$000

Dante, por Amadeu Amaral, broch. . . . . 2$000

A Novella Semanal, contos selectos, broch. 4$, encad.

A Proxima Guerra, estudos de Mario Pinto Serva, broch. . . . . 3$000

Codigo Commercial Brasileiro, do Dr. Clovis Ribeiro, cart. . . . . 5$000

Codigo Commercial Brasileiro, do Dr. Clovis Ribeiro, cart. . . . . 5$000

Commerciante 8$, *Estudos de Direito Commercial* 10$, *A Hypotheca Naval no Brasil* 3$, *Os credores privilegiados e o direito de pedir a fallencia* 3$, *O Menor Commerciante.* . . . . 3$000

De diversos auctores, *O que todo o commerciante precisa saber* (10.° milheiro) 1$, *Almanach Commercial Brasileiro de* 1918 . . . . . 6$000

23977